

ACBM/FM – 100

Recortes de jornais referentes a personalidades mato-grossenses: D. José Antônio dos Reis, Candido Mariano da Silva Rondon, D. Aquino, Filinto Müller, Álvaro Novis, Antonieta Reis, Coelho, Francisco Antunes Munis, Couto de Magalhães, Zé Galego e outros.

Cuiabá, diversas datas.

D. José Antonio

dos Reis

Vai ser inaugurado por estes dias, na praça do Seminário da Conceição, o busto de D. José Antonio dos Reis, 1º Bispo de Cuiabá. Esse busto deve-se ao saudoso padre Wanir Delfino Cesar. Foi o padre Wanir que mandou confeccioná-lo e pena é que ele não possa assistir a essa inauguração.

Quando, em 1945, houve a reforma da Academia Matogrossense de Letras, aumentou o número de suas cadeiras de 30 para 40, eu pedi ao meu amigo desembargador José de Mesquita para ocupar a cadeira patrocinada por Dom José, assim fiquei ocupando a cadeira n.º 9, na casa Barão de Melgaço.

Dom José, assim falou o historiador Estevão de Mendonça sobre esse eminente vulto da nossa história: «Todo bem que se possa dizer do Bispo Dom José Antonio dos Reis, falecido nesta Capital a 11 de outubro de 1876, ficará sempre aquém das suas virtudes.»

Dom José era paulista, nasceu a 10 de janeiro de 1798. Bacharel em Direito pela tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Nomeado Bispo de Cuiabá, fez sua entrada triunfal na Capital matogrossense a 27 de novembro de 1833, no ano seguinte, teve que enfrentar o movimento da Rusga, matança dos portugueses. Foi deputado Geral pela província de São Paulo, como suplente de Francisco de Paulo Souza e Melo, na Legislatura de 1834-1837, eleito novamente para a Legislatura de 1838-1841, vamos encontrar novamente no nome do Bispo de Cuiabá, entre os membros da bancada paulista. Comendador da Ordem de Cristo, Prelado Doméstico e Conde Romano. Era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em Cuiabá, fundou o Seminário da Conceição e com inteira justiça o seu busto foi colocado perto do velho educandário. Por ocasião da Rusga, enfrentou o povo revoltado com um crucifixo às mãos, procurando aplacar a ira dos revolucionários. Viveu com o povo cuiabano

de 1833 até 1876, data em que faleceu.

Quando a varíola, em 1867, assolou Cuiabá e a morte ceifava impiedosamente vidas e vidas, dizimando a população, Dom José transformou a sua própria residência em hospital para acudir aos enfermos.

«A Situação», jornal de Cuiabá, que circulou a 15 de outubro de 1876, assim descreve o seu sepultamento: «Em seu belo caráter, predominavam notavelmente a mansidão e a bondade. Durante a cruel epidemia da varíola, que se manifestou em Cuiabá e que assolou toda a província, o digno prelado não se afastou do foco pestilento e com a sua palavra consoladora e bolsa caridosa correu em socorro dos seus diocesânos.

«Enquanto outros Bispos se colocavam em antagonismo com as suas ovelhas, por causa da malfadada questão religiosa, que desde 1872 se tem agitado no Brasil o bispo Dom José Antonio dos Reis, conservou-se sempre na verdadeira posição de sucessor dos apóstolos, pai do povo, e seu protetor constante. Depois de um tranquilo e edificante episcopado de quarenta e três anos, dez meses e três dias, o mais longo que tem havido no Brasil, expirou rodeado de amor e veneração do seu rebanho, que o pranteou como um verdadeiro pai.

«O palácio episcopal não podia conter a onda de povo para vê-lo partir para a derradeira viagem.

«No dia 12, o seu cadáver, que não

pôde ser embalsamado, foi levado com um acompanhamento de mais de cinco mil pessoas e sepultado na catedral.

«Foi neste momento que vozes se ergueram unissonas, exprimindo o passamento, que será guardado como reliquia do ilustre morto: «Assim se pode morrer».

Não foi somente A SITUAÇÃO que chorou a morte de Dom José. Um poeta anônimo fez-lhe estes versos usando o mote "Assim se pode morrer", cujas glosas eram feitas em duas estrofes:

«Tu, José, o povo amaste,
Pelo povo foste amado,
Do Brasil o Episcopado
Sempre, sempre, tu honraste
Tantas virtudes mostraste
Foi tão santo o teu viver
Que o povo vendo descer
O teu corpo à lousa fria,
Entre lágrimas dizia:
Assim se pode morrer».

«Foste, sim, um bom pastor!
Jamais serás esquecido;
Do teu rebanho querido
Alcançaste todo amor:
Ele, transido de dor,
Dor justa por te perder
Não cessou de bem dizer
Teu coração virtuoso,
Que foi de um pai extremoso:
Assim se pode morrer».

Dom José fora como São Francisco de Assis, no dizer de Dante: "O segundo marido da pobreza e viúvo desta desde a morte do Pobre de Galiléia".

Oitenta e seis anos após o falecimento, graças aos esforços do padre Wainir Delfino Cesar, dom José Antonio dos Reis não ficou esquecido, teve o seu busto em uma praça pública, confirmando assim os versos do poeta anônimo: "Assim se pode morrer".

Cândido Mariano

da Silva Rondon

4

“O gigante calçou a bota de sete léguas e partiu desbravando os sertões. Seu nome era Cândido Mariano da Silva. Soldado, mas, um soldado diferente dos demais. A sua espada não era usada para matar. Seu lema era: “Morrer, se preciso fôr, matar nunca”.

Nascido a 5 de maio de 1865, na localidade denominada Mimoso, município de Santo Antonio do Rio Abaixo, hoje Santo Antonio de Leverger, com 16 anos era professor primário, aos 18 anos, se matriculava na Escola Militar, aos 21 Alferes-aluno era encaminhado à Escola Superior de Guerra, nomeado em 1889, ajudante da Comissão de Construção das Linas Telegráficas de Cuiabá a Registro do Araguaia, um ano depois recebia o diploma de Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, sendo promovido a 2º e 1º Tenente do Exército.

Segundo a Monografia nº 575, série A., publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, diz que “em 1900, chegou a esta pequena povoação o 1º Tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, que aqui estabeleceu ponto de apoio da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, Gomes Carneiro. Era o início do povoamento. O primeiro habitante que se fixou em Rondonópolis, segundo a escritora Carmelita Cury: “Veio fixar-se em nossa terra, em princípios de 1902, o goiano, vindo da cidade de Palmeiras, Manuel Conrado dos Santos, o primeiro a residir definitivamente em Rondonópolis, com família e mais um parente Luiz Esteves Rodrigues dos Santos”. (Do Borôro ao PRODOESTE).

“Tendo como finalidade determinar o traçado da Linha Telegráfica na direção do Araguaia, surgiu a necessidade de instalar-se um posto às margens do Rio Poguga ou Vermelho, o que foi concretizado em 1922 (22 de janeiro), sendo seu primeiro operador Francisco Cândido Pereira, parente de Rondon”.

Não sei aonde o IBGE foi buscar elementos para afirmar que Francisco Cândido Pereira era parente de Rondon. Ester Viveiros no seu livro “Rondon Conta a Sua Vida”, na parte referente à genealogia do Marechal não faz referência alguma a Francisco Cândido Pereira.

Não era de feitio de Rondon colocar parentes como seus auxiliares em serviço nenhum que dirigiu ou chefiou.

Rondon se entusiasmou pela terra e conseguiu do Governo do Estado 2.000 hectares de terras, para o rocio da futura cidade de Rondonópolis, pela Lei nº 395 de 10 de agosto de 1915; “Reserva 2.000 hectares de terras, para o rocio da povoação de Rio Vermelho, município da Capital, já no fim do governo do Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques e criou ali uma estação telegráfica.

As terras de Rondonópolis, na opinião de Rondon são das mais férteis do Brasil.

Até 1924, havia no povoado um pequeno número de habitantes, sendo descobertos os garimpos de Poxoréo os moradores abandonaram indo fixar-se nos garimpos descobertos.

A convite do fundador da República Brasileira, Benjamin Constant, Rondon foi nomeado lente-substituto da Cadeira de Astronomia e mecânica da Escola Militar, se exonerou de professor para aceitar sua nomeação de Chefe do Distrito Telegráfico em seu Estado natal.

Os anos se sucediam, em 1902, era promovido ao posto de Major.

De 1904 a 1906, passa esses dois anos, nas selvas de Mato Grosso, construindo linhas telegráficas de Cuiabá a Corumbá e os ramais para Aquidauana, Forte Coimbra, Nioaque, Miranda, Porto Murtinho, Margarida e Bela Vista. Nessa ocasião coloca sob a sua proteção diversas tribos.

Em 1907, nomeado Chefe da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, foi no ano seguinte promovido a Tenente Coronel, foi quando atacado pelos índios Nhambiquaras, Rondon abnegadamente retira com os seus homens, sem permitir revide, e em meio ao ataque dos índios embravecidos, ele empregou a frase que lhe serviu de lema para o resto da vida: “Morrer, se Preciso Fôr, Matar Nunca! Vem o ano de 1910, Nilo Peçanha, Presidente da República cria o serviço mais republicano da república, o de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais e a chefia desse Serviço foi entregue a Rondon. 1912, atinge o Coronelato, nesse mesmo ano, o Congresso Universal das Raças, bem como o 18º Congresso Internacional de Americanistas reunidos em Londres, e a Comissão Parlamentar de Inquérito instituída para apurar as

atrocidades praticadas contra os índios peruanos do rio Potumaio, apelam aos países que contam com população indígenas em seus territórios, no sentido de adotarem os métodos protecionistas seguidos pelo Brasil, por iniciativa de Rondon.

Até aqui me reportei aos dados oficiais para vos falar sobre Rondon.

Daqui por diante, vou contar a História que a História não contou.

Todas as vezes que eu ia ao Rio de Janeiro, tinha por obrigação fazer pelo menos uma visita ao velho colega do meu Pai, aliás era uma recomendação que recebia de meu Pai.

Conversávamos horas a fio sobre coisas de Mato Grosso. Eu ficava a ouvi-lo. Ele contava-me as suas aventuras através dos inóspitos sertões que desbravou. Certa vez fiz uma pergunta indiscreta. General, o senhor nunca desejou ser Presidente do Estado?

Ele me respondeu: "Isso nunca entrou nas minhas cogitações. Se eu tivesse sido Presidente do Estado não teria feito o que fiz por Mato Grosso e pelo Brasil.

"Não teria servido à República como me orgulho de havê-la servido, dei o que pude por Mato Grosso e pelo Brasil, mas ser Presidente do Estado, nunca me passou pela mente, embora um jornal de Cuiabá, dirigido pelo Dr. Agrícola Paes de Barros, houvesse feito um apelo nesse sentido. Você quer ver o jornal? E me mostrou um número do Fífo nº 9 de 1925, que trazia em manchete este desesperado apelo: "General Rondon, por Misericórdia, aceitei a Presidência do Estado para nos livrar da desgraça". E disse-me o Marechal (nesse tempo já era Marechal): "Há nisto muito exagero. Não era tanto assim. Mato Grosso tinha homens dignos para ser Presidente do Estado.

Pois bem, Rondon, como todo o seu valor, me disse de outra feita: "Você pensa que eu nunca fui atacado, que nunca procuraram denegrir o meu trabalho? Pois fui! Existe um livro do Cônego Jacomo Vicenzi intitulado "Paraiso Verde", onde seu autor me faz uma série de acusações. Eu tenho dois exemplares, você é moço e historiador vou lhe dar um exemplar, você é meu amigo já da segunda geração, seu Pai foi meu colega e amigo, portanto você precisa conhecer o livro, porque a calúnia desaparece com a morte de um homem comum; mas fica de pé, junto ao túmulo de um homem que sobressai dentre os seus contemporâneos, ela permanece ainda, decorridos séculos, a remover-lhe com um punhal, disse Diderot. Não me considero um grande homem, mas um homem com alguma projeção para poder ser caluniado".

Efetivamente a crítica feita ao General era em virtude da catequese leiga dos índios. O Cônego Jacomo Vicenzi era a favor da catequese religiosa e não admitia outra forma de catequese. Mas, felizmente, ninguém hoje sabe que foi o Cônego Jacomo Vicenzi e Rondon com o seu nome glorioso, brilha através das páginas da História Republicana do Brasil. Esse livro "Paraiso Verde" me faz recordar uma página de Raimundo de Moraes, creio que do seu livro "Meu Dicionário de Coisas do Amazonas", onde o ilustre escritor falando sobre Rondon, diz: "É comovido que registro a obra epopéica e o nome glorioso, tão glorioso agora

T

como insubstituível quando ele cerra o ciclo aureolado de sua fecunda passagem pela terra. Infelizmente no Brasil, nós somente sagramos figuras, depois de mortas. Antes disso temos o prazer de diminuí-las e até martirizá-las”.

Mas, felizmente em Mato Grosso isso não se deu. Sua memória é cultuada tanto em Cuiabá como nesta cidade que ostenta o seu ilustre nome. Para maior culto de civismo na Capital do Estado, existem um Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, estando à sua frente esse idealista e dinâmico Ramis Bucair, onde se reúnem os Amigos de Rondon, todos os anos no dia da passagem do seu aniversário natalício, rendendo-lhe as justas homenagens ao Bandeirante do século XX. A obra de Rondon é tão extensa que ela limita ao infinito.

Quando encerrou uma das facetas da sua agigantada obra, quando concluiu os serviços de Linhas Telegráficas, ele foi recebido em Cuiabá com apoteóticas homenagens. Era o herói que retornava a sua terra após vencer todas as batalhas. Era Cândido Mariano, como ele era chamado pelo povo cuiabano, que entrava triunfalmente em sua Pátria. Isso se deu em 1915. Ele havia realizado uma parte do seu sonho. Mato Grosso estava ligado ao mundo através do Telégrafo. Tribos pacificadas, Cuiabá o recebe de braços abertos, saudando e exaltando essa figura masculina da história matogrossense.

Em discurso, agradecendo essas homenagens que lhe eram prestadas há 64 anos atrás, dizia: Rondon: “Honra-me porque é espontânea e prestada pelos seus legítimos representantes políticos, poder executivo, municipais. Desvanece-me, porque, na simplicidade da minha vida pública, eu estou convencido de que outro mérito não possuo senão o de me ter sempre esforçado por ser um bom cidadão, um digno servidor da República.

Senhores, o futuro de Mato Grosso depende, principalmente, da continuidade de uma segura orientação política do Governo da República.

Cuiabá está destinada a ser a cidade mais movimentada do Brasil Central, quando o programa do Governo chegar um dia a se realizar; então ela virá a ser o ponto de convergência dos povos americanos na conquista comercial do Pacífico.

O preliminar está feito.

A base está lançada.

A sondagem foi praticada.

O telegrafo cruza Mato Grosso por toda a vastidão do seu território, liga os seus quatro pontos cardiais, facilitando o transporte da palavra, isto é do pensamento e do sentimento por toda a terra.

O povo matogrossense deixou, assim de ser povo solitário que era para tomar o lugar que lhe cabe no concerto da civilização.

Senhores, os vivos são sempre e cada vez mais necessariamente governador pelos mortos.

Como já muito bem sente por toda a parte o Bom Senso Vulgar.

No ardor das nossas precauções técnicas, quando as dificuldades naturais nos opunha barreiras desalentadoras; era na evocação desse extraordinário esplendor português, Ricardo Francisco, que haurimos as necessárias forças para erguermos do nosso abatimento.

Quase que nos envergonhamos das nossas franquezas, lembrando-nos de que possui hoje a sociedade, quando a ciência não havia ainda proporcionado à medicina todos os elementos de combate de que hoje dispõe, aquele herói, com outros companheiros não menos heróis, faria a circum-exploração brasileira, descobrindo rios, transpondo montanhas e valés, cruzando sertões bravios, enfrentando as intempéries, afrontando os rios, os aborígenes, e, em virtiginosa carreira de vitória, prestava os mais relevantes serviços ao Brasil e especialmente a Mato Grosso.

A sua memória, o exemplo que nos legou - eis o maior estímulo ao cumprimento do nosso dever.

Senhores, em meio de tão grande efusão republicana, os vossos gestos cívicos me honram e me comovem. Eles me alentam no cumprimento do dever, como soldado, como republicano e como homem.

Na época em que Rondon pronunciou este discurso, só a fibra podia despertar esperança a este povo sofrido e abandonado. Só Rondon podia fazer o matogrossense acreditar no seu desenvolvimento e progresso.

E por falar em progresso e desenvolvimento aqui está Rondonópolis, uma das mais progressistas cidades de Mato Grosso, para atestar a profecia de Rondon.

Diante dessa aporéia homérico que vos falei, "cada etapa vencida era o resultante de trabalhos e esforços inauditos, tanto nos pantanais insalubres, como nos ínvios sertões do Norte, mais insalubres ainda e povoados de tribos ferozes.

De todos os membros da Comissão, o único que chegou até o fim foi Rondon; uns caíram, vencidos pela morte cruel em meio da jornada, e sobre a memória deles chovam as bênçãos da Pátria agradecida, outros, cujos serviços também lhes conquistaram a gratidão nacional, se retiraram da Comissão por motivos diferentes, entre eles o da saúde comprometida pelos assaltos da febre.

Só o organismo privilegiado de Rondon, de uma capacidade de resistência assombrosa, conjugado à sua vontade de ferro e ao seu incomparável e egrégio patriotismo, poderia vencer todos os obstáculos, afrontar todos os perigos, sofrer todas as privações que o saltaram na sua marcha gloriosa de novo bandeirante, humano e civilizado, através de regiões inóspitas!

E foi por isso que a seu respeito disse o ex-Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Teodoro Roosevelt: "A América pode apresentar duas realizações ciclópicas: Ao Norte o Canal do Panamá e ao Sul o trabalho de Rondon - científico, prático, humanitário.

Rondon não é apenas oficial e getleman como os que mais o são dos mais bem organizados exércitos do mundo. É também excepcional, audaz e competente explorador, ótimo naturalista, cientista, estudioso filósofo. Com ele a conversa vai da caçada de onças e dos perigos da exploração do sertão à antropologia indígena; dos perigos da civilização industrial, puramente materialista, à moralidade positivista. O positivismo do Cel. Rondon é realmente a Religião da Humanidade, doutrina que o impede a ser justo, bondoso e útil, a viver corajosamente sua vida e com igual bravura, afrontar a morte".

2

Nunva vi, nem conheço obra igual. Os homens que estão realizando são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem.

Um povo que tem filhos desta ordem há de vencer. O século XX pertence-lhe".

O PIONEIRO DO NADA

Quando Rondon plantou o último poste telegráfico no coração da Amazônia, quando concluiu a sua obra de estender as linhas telegráficas, disse um jornal carioca: "Rondon foi o pioneiro do nada, ao concluir a ligação telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, Marconi já havia inventado o telegrafo sem fio, recebeu então Rondon um rádio do Ministério da Guerra o chamando a Capital da República. Mas cumpre salientar os trabalhos científicos feitos por Rondon: levantamentos Astronômicos, coordenadas geográficas, exploração de rios, estudos de Botânica, Zoologia, Etnografia, Mineralogia e Geologia. Linhas Telegráficas fora apenas o pretexto, para Rondon fazer um estudo completo sobre o seu esquecido Estado, porque Mato Grosso, naquela época era verdadeiramente um Estado esquecido do Brasil e do Mundo.

DOM AQUINO

Transcorreu no dia 22 de março de 1981, o vigésimo quinto aniversário do falecimento de DOM FRANCISCO DE AQUINO CORREA.

Dom Aquino era uma criatura simples, simpática e boa. Tinha uma aparência jovial, apesar dos seus 70 anos. Estamos em 1955, foi esta a última vez que vi Dom Aquino. Sempre alegre e espirituoso. Gostava de fazer trocadilhos.

Certa vez ele me contou que era Presidente do Estado e foi visitar Mimoso, a terra do Marechal Rondon. Como Presidente e como Bispo teve que falar na inauguração. Tudo correu bem. De volta a Cuiabá, uma semana depois, vieram contar que duas famílias de Mimoso se desentenderam, causando a morte de 12 pessoas, seis de uma e seis da outra família. Dom Aquino ouviu. Ficou pensativo e finalmente disse: "gente incompreensível. Pedi no discurso que zelassem pelo cemitério e não que o povoassem!"

Certa vez que perguntei: "Dom Aquino, qual é o melhor livro de Tolentino de Almeida: "Ilusões Doiradas" ou "Romeiros do Ideal:"? Dom Aquino me olhou e disse: "Espere aí, que vou buscar". E trouxe um folheto de Tolentino de Almeida escrito contra ele quando Presidente do Estado.

Eu conheci o Padre Leonel Franca por intermédio de Dom Aquino.

Foi o Padre Leonel Franca quem me contou esta anedota que depois li no livro do Sr. Arlindo Drummond Costa: "Nos corredores do Colégio Santo Inácio, passeava Dom Aquino em companhia do Padre Leonel. Passado algum tempo, o jesuíta pediu licença para sair e agradeceu-lhe a companhia.

— Eu é que lhe agradeço, Sr. Padre Franca, por me ser altamente honrosa e benéfica.

— Por quem é, Sr. Arcebispo... Que lhe pode valer a minha companhia?

— Para mim vale muito mais que outras!

— Mas, Sr. Arcebispo, V. Exa. me confunde...

— Não insista, que podemos, com a nossa discussão, escandalizar o amigo recém-chegado. Que V. Revma., por modéstia, se esqueça de suas qualidades, eu compreendo. Será, porém, capaz de negar que a sua companhia é a Companhia de Jesus? E a companhia de Jesus não vale muito mais que a de qualquer mortal?..."

11

Era assim o nosso saudoso Arcebispo.

Dom Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá, a 2 de abril de 1885 e faleceu em São Paulo, a 22 de março de 1956. Foi como Padre diretor do Liceu Salesiano São Gonçalo, Bispo de Prusade e auxiliar do Arcebispo Dom Carlos Luís d'Amour, sendo sagrado na Catedral Metropolitana de Cuiabá, a 1.º de janeiro de 1915, sendo o Bispo mais moço do mundo.

Em 1917, foi eleito Presidente do Estado, como candidato de conciliação indicado pelo Presidente da República e aceito pelos partidos em luta no Estado. Empossado a 22 de janeiro de 1918, governou Mato Grosso durante o quadriênio constitucional, tendo na sua administração prestado relevantes serviços ao Estado, como a fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso, em 1919, e da Academia Matogrossenses de Letras, em 1921. Defendeu Mato Grosso na questão de limites com o Estado de Goiás. Apesar das péssimas condições financeiras em que encontrou o Estado, fez vários melhoramentos e por ocasião da gripe "espanhola" transformou a sua residência num verdadeiro hospital, atendendo a todos os doentes, sem distinção de classe social ou crença religiosa.

Foi o maior orador sacro do seu tempo. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 34, que tem como Patrono o Padre Antônio Pereira de Souza Caldas. Dom Aquino foi criticado como orador pelo acadêmico Rodrigo Otávio, que a seu respeito escreveu: "Dominado ainda pela emoção que me trouxe a leitura da sua oração à velha bandeira de Mariana, não me furto ao ímpeto irresistível de escrever-lhe estas simples linhas portadoras dos meus agradecimentos. Não tenho memória de páginas mais belas na língua de Vieira e Rui".

Como poeta, dele falou Afonso Celso: "Em suma "Terra Natal" e outras composições de Dom Aquino Corrêa, provam que ele pertence à família espiritual dos Bosuet, Fenelon, São Francisco de Sales e Cardiel Mercier, simultaneamente grandes antístetes e exímios homens de letras".

Para Humberto de Campos, um dos homens de maior prestígio intelectual do Brasil, no seu livro "Críticas", 2ª Série, Dom Aquino era: "O único representante, também, da sua classe na Academia Brasileira de Letras, — que parece disposta, aliás, a tornar tradição uma poltrona eclesiástica, — natural que o Sr. Arcebispo de Cuiabá, procure preencher a deficiência do número com o vigor da atividade, e, sobretudo, com a unidade da ação, pondo a pena e apalavra ao serviço exclusivo da Igreja. Assim é que a sua bibliografia constitui, toda ela, um atestado de fé. Aquém ou além dos muros templos católicos, falando aos crentes ou aos incrédos, ele é, sempre, o mesmo soldado de Deus".

Poeta, dada a sua situação clerical se limitou a fazer apenas poemas épicos e religiosos.

A sua poesia "A Cidade Verde" é uma verdadeira ode de exaltação à sua terra natal. Dela existem versos como estes:

"São os flabelos regis de mil palmeiras,
Tão verdes, sobranceiras
E linhas como alhures não as, há.
Sobre alcantifas da mais verde relva,
Em meio a verde selva,
Eis a "cidade verde": Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes
Eternamente amantes,
Os seus dois morros, que e tão verdes são,
Que até refletem pálidos verdores
Nos lares sismadores,
Que encham do vale mansão.

.....

Salve, meu verde ninho, onde, primeiro,
Contemplei o Cruzeiro
E as alvoradas álacres dos sóis!
Tu tens a cor das oliveiras mansas,
Das meigas esperanças
E das láureas eternas dos heróis!

.....

Não há tesouro, que teu preço iguale!
Tudo que o mundo vale,
A par de ti, em lodo vil se esvai;
Pois tens o que há de mais sagrado e terno:
O túmulo materno
E esses cabelos brancos de meu pai!

.....

Salve, cidade verde! a ti, meu berço,
Melhor do que o universo,
Eu te saúdo ao ósculo fugaz
Do rio verdenegro, que te esfrola,
Cantando a barcarola
Infinita dos beijos e de paz"!

Agora vejamos quantas vezes o poeta emprega a palavra "verde" como símbolo de esperança referindo-se à sua terra natal, "combinando aliteração de som e de sentido que dão a impressão de surpresa diante desse trecho comum e como se nunca tivesse sido escutado, ao mesmo tempo trazendo ao espírito a reminiscência do objeto envolto numa atmosfera nova", segundo a concepção de Mallarmé.

"Tão verdes, sombranceiras" / "Sobre alcantifas de mais verde relva" / "Em meio a verde selva" / "Eis a "cidade verde": Cuiabá!" / "Os seus dois morros, e tão verdes são" / "Que até refletem pálidos verdores" / "Salve meu verde ninho, onde primeiro" / "Tu tens a cor das oliveiras mansas" / "Das meigas esperanças" / "Salve, cidade verde! a ti, meu berço" / "Do rio verdeneiro, que te esfrola".

Somente nesta cinco estrofes ele emprega 11 vezes a simbologia da esperança. É de notar que a poesia contém 12 estrofes.

Dom Aquino foi sem dúvida um grande poeta e que poderia ser maior ainda se não fosse a restrição motivada por sua condição de Arcebispo. Nem ele poderia ter procedido de outra maneira. Era um espírito culto, conhecedor profundo do idioma, inteligentíssimo, amável e elegante.

Nasceu um pouco fora de seu tempo. Nasceu para ser embaixador, para brilhar nas velhas cortes da Europa.

Não seria por isso que ao morrer ele disse a chave de ouro do soneto de Bocage?
"Saiba morrer o que viver não soube".

FILINTO MULLER

Deixei passar o momento emocional para escrever este artigo. Na chamada «velha República» tivemos um senador do qual o nosso Estado se orgulhava. Político e político hábil foi o senador Antônio Francisco Azeredo, digno substituto de Pinheiro Machado.

Depois de Azeredo veio Filinto Muller. Como o primeiro, era também hábil político. Filinto Muller, a par disso, era um homem bem educado. Amigo dos seus conterrâneos, os protegia quando na Chefatura de Polícia do Distrito Federal. Toda gente importante do mundo político ou intelectual que conheci, quem me apresentou foi Filinto Muller.

Em 1970, estávamos hospedados no Grande Hotel de Campo Grande, eram 6 horas, desci para tomar café e encontrei em uma mesa, sozinho, o senador Filinto Muller. Ao ver-me, convidou-me para assentar-me à sua mesa e começamos a conversar sobre vários assuntos.

Lá pelas tantas, perguntei-lhe: «Senador, por que o senhor não escreve um livro se defendendo das acusações que foram lançadas contra o senhor?»

Ele parou de tomar o seu café, olhou-me e disse: «Tenho elementos para isso, mas se eu escrever me defendendo será contraproducente. Quem se defende tem crime e eu não tenho. Gostaria, sim, de escrever minhas MEMÓRIAS, mas onde vou buscar tempo com esta vida que levo? De 1922 até hoje, tenho muita coisa para contar, vi muita coisa, sou testemunha viva da história republicana brasileira nestes 48 anos. Sofri muita injustiça e muita incompreensão. Fui acusado do que fiz e do que não fiz, nunca respondi a um só ataque, não guardo rancor de ninguém. As vezes sofro uma injustiça, só Consuelo (sua esposa) fica sabendo. A ninguém mais reclamo. Acho que a vida é assim mesmo. Ingratidões tenho sofrida muitas, sempre calado. Um dia vou lhe mostrar a documentação que tenho». E a nossa conversa parou por que foram chegando visitas: dr. Italívio Coelho, dr. José Fragelli, que era candidato a governador do Estado e outras pessoas e eu me despedi do senador.

Nunca mais tive outra oportunidade de conversar a sós com ele.

Filinto Muller nasceu em Cuiabá, a 11 de julho de 1900 e faleceu no dia 11 de julho de 1973, no dia em que completava 73 anos de idade. Aspirante a segundo tenente, servia no 1º Regimento de Artilharia Montada, na Vila Militar, até 5 de julho de 1922, quando foi preso e conservado in-

comunicável por vários meses, por estar comprometido no movimento revolucionário que iniciou o ciclo da chamada «Revolução Tenentista». Imprununciado, após cinco meses de prisão, foi mandado servir em Campo Grande, MT., onde permaneceu durante um ano. Em 1924, servindo em São Paulo, tomou parte com Estilac Leal, Eduardo, Nelson de Melo, Juarez Távora e outros oficiais, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes, no segundo 5 de julho. Foi designado pelo general Isidoro — Chefe Supremo dos revolucionários paulistas — para Chefe do Estado Maior da Divisão encarregada de conquistar Garapuava. Tomou parte em todos os combates havidos no alto sertão paranaense e na épica resistência de Catanduva. Foi designado para comandar uma companhia de Infantaria montada, para resistir em posição montanhosa, na picadão da linha telegráfica, até que se efetuasse o escoamento das tropas que se retiraram do Rio Grande do Sul, sob o comando de Luiz Carlos Prestes. O tenente João Cabanas, no seu livro intitulado «A Coluna da Morte», sexta edição, Livraria Editora, Almeida & Torres, Rio de Janeiro,

1928, páginas 322 e 323, assim se refere a Filinto Muller: «Na noite seguinte apareceram, vindos de dentro da mata, em um abnegado esforço para não se entregarem ao inimigo, o coronel Estilac e o valente capitão Filinto Muller, acompanhados de algumas praças que conseguiram escapar do desastre de Catanduva e me relataram que o capitão Filó, de minha coluna, recusou entregar-se e, reunindo a sua companhia, entrou pela mata. Abrindo picada foi ter ao picadão do telefone seguindo a Iguaçú. Até o picadão vieram juntos com o capitão Filó, separando-se para virem ao P.C. do general Miguel Costa. Passaram em seguida a relatar-me os sucessos ocorridos depois da minha saída e a consequente queda da posição».

Posteriormente foi desligado, pelo general Isidoro, dos compromissos revolucionários a fim de que pudesse, ele, Filinto Muller, lutar pela vida até qua as condições políticas lhe permitissem regressar ao Brasil. Exilou-se em Buenos Aires, República Argentina, ali procurou obter colocação que lhe assegurasse o sustento, mas dada a dificuldade decorrente do pouco conhecimento do idioma, viu-se obrigado a exercer pesados misteres. Foi lavador de automóvel enquanto se preparava para fazer exame de motorista de praça. Regressando ao Brasil, foi preso e recolhido à Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, para cumprir a pena de cinco anos, mais tarde reduzida para dois anos pelo Supremo Tribunal Federal. Aberta a luta política de 1930, trabalhou na propaganda do movimento ar-

10

mado que levou ao poder o dr. Getúlio Vargas. Na manhã de 24 de outubro de 1930, seguiu para o Campo dos Afonsos e tomou parte no levante da Escola de Aviação. Vitoriosa a revolução serviu como Adjunto no Gabinete do Ministro da Guerra, general Leite de Castro. Foi Secretário Geral do Estado de São Paulo, durante a intervenção do tenente João Alberto Lins de Barros. Em 1932, foi posto à disposição do então capitão João Alberto, que exercia as funções de Chefe de Polícia do Distrito Federal, tendo ainda no mesmo ano assumido a direção da Guarda Civil e, posteriormente, foi nomeado Delegado da Ordem Política e Social, sendo quatro meses depois nomeado Chefe de Polícia, cargo que exerceu até 2 de julho de 1942, precisamente por 10 anos.

Neste cargo Filinto Muller amparou a mocidade do seu Estado, sem distinção de cor política.

Formou-se em Direito pela Faculdade do Estado do Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de Presidente do Conselho Nacional do Trabalho e, em 1947 se fez eleger senador da República, pelo Estado de Mato Grosso, cargo esse que exerceu por 26 anos. Possuía as medalhas de bronze de bons serviços ao Exército Brasileiro, a do Cinquentenário da República, o grau de Oficial da Ordem Nacional do Mérito da República do Paraguai e era Comendador da Ordem Militar de Aviz, de Portugal. Foi bom orador e brilhante parlamentar. No Congresso Nacional, de 1947 até o seu falecimento, nenhum senador o superou.

Dia 11 de julho se aproxima. A Assembléia Legislativa de Mato Grosso, que já lhe prestou uma justa homenagem, dando o seu nome ao Palácio do Povo, deveria completar a homenagem fazendo colocar diante da sua entrada principal, em bronze, o busto de Filinto Muller com estes dizeres: «Ao grande parlamentar brasileiro senador Filinto Muller, homenagem dos representantes do povo mato-grossense».

Aqui fica a nossa sugestão.

ALVARO NOVIS

Quando eu conheci Alvaro Novis, ele era Juiz de Direito de Coxim, creio, ou de outra cidade qualquer. Isso não vem ao caso. Era um homem alto, vermelho, inteligente e culto. Gostava da sua conversa. Ficava a ouvi-lo, no Café Sargentini, horas esquecidas. Enquanto ele bebia o seu conhaque, eu tomava uma cerveja Brahma "Teotonia". Ele me contava a sua vida. Suas viagens a Paris, Londres, Roma e Berlim.

Contcu-me de uma feita que ele frequentava um bar em Paris, muito frequentado por brasileiros, como ele era vermelho, tomava whisky, fumava cachimbo, todos os brasileiros frequentadores do bar o julgavam inglês, e porisso faziam diante comentários da vida dos patrícios em português, certos de que aquele inglês nada entendia.

Certa vez estava ele nesse bar em Paris, quando entrou um cidadão que ele julgou conhecer de Cuiabá. Era o cel. Alexandre Addor. Alvaro, para identificá-lo, começou a assobiar o "Hino do Senhor Divino", imediatamente o desconhecido olhou em direção de quem estava assobiando e então se identificou. Era mesmo o cel. Alexandre Addor.

Uma noite eu conversava com Alvaro e ele me disse: "olha, Rubens, eu peço a Deus, todas as noites que mande uma chuva de pólvora para Cuiabá e em seguida uma fâisca elétrica. Tem tanta gente sem vergonha precisando de morrer que você nem calcula". Se ele vivesse hoje!!!

Ele escrevia no jornal O MATO GROSSO, terceira fase, durante o segundo governo do dr. Mário Corrêa da Costa. O MATO GROSSO possuía um corpo redatorial de escol, figurando nele

21

Bianco Filho, João Vilasboas, Álvaro Novis, Rubens de Carvalho, Jaime de Vasconcelos, cel. Antonio Antero Paes de Barros e Amarilio Novis, isto antes do rompimento do senador Vilasboas com o governo, porque depois do rompimento O MATO GROSSO passou a ser dirigido pelo desembargador Otávio Cunha, tendo como secretário Álvaro Novis e gerente o professor Jericy Jacob.

Nesse jornal Álvaro escrevia uma seção intitulada "De Koac", onde ele focalizava fatos pitorescos da cidade, com graça, verve e elegância de estilo. Álvaro escrevia bem.

Um dia destes uma mocinha me deu um álbum de poesia e me pediu que escrevesse nele uma poesia. Levei o álbum para casa, antes de escrever procurei verificar o que continha o álbum e que nele haviam escrito. Eis que lá pelas tantas páginas deparei com um soneto que sempre considerei de Álvaro Novis, como se fosse de autoria de Olegário Mariano. Procurei nos dois volumes de poesias "TODA UMA VIDA DE POESIA", obra completa do poeta pernambucano e não encontrei o soneto. Fiquei em dúvida, seria de Olegário Mariano ou de Álvaro Novis! Nos livros de Olegário não encontrei o soneto e o soneto era bom demais para não ser incluído no livro. Eis o soneto:

22

QUERER BEM

Querer bem é guardar dentro dalma escondida
Como num relicário a lembrança de alguém.
É sonhar acordado. É ter suspensa a vida
No olhar que ninguém sabe o encanto que ele
[tem!

É aquela crença firme e nunca desmentida
Naquele que se espera e que talvez não vem...
É aquela dor atroz e sempre incompreendida
Que a gente vai sofrendo e não conta a ninguém.

Querer bem é perdoar o que ninguém perdoa,
Melodia do céu que dentro dalma soa —
Evangelho de luz que o coração ensina!

É a vontade de ver feliz quem nos maltrata,
A esperança que anima, a dúvida que mata —
E a saudade depois quando tudo termina!...

Ora, o soneto é bom. Reproduzi-o de memória, se há algum erro, o erro é meu. Álvaro era um grande poeta, não errava no verso, pena foi que ele fosse uma inteligência brilhante, dispersiva. Não ligava nas suas produções literárias e isso o levou a queimar, em Poconé, o seu livro de versos.

No "impeachment" contra o governador Mário Corrêa da Costa, Álvaro Novis foi o seu advogado de defesa, acredito que Álvaro houvesse vencido a causa, se o governo federal não houvesse afastado o dr. Mário Corrêa da Costa do Governo do Estado, pelo Decreto nº 1468, de 6 de março de 1937 e nomeado o capitão Manoel Ari da Silva Pires, Interventor Federal em Mato Grosso.

Isso para Alvaro Novis foi um verdadeiro golpe.

Doente, foi em companhia da sua dedicada esposa para a Chapada dos Guimarães, onde faleceu em 1939, o dr. Alvaro Novis, o último boêmio.

Antonieta Ries Coelho

Eu tenho uma profunda admiração pelo pioneiro. Acho notável aquela estória do ovo de Colombo. Contam que depois da descoberta da América Colombo participou de um banquete e nesse banquete toda gente comentava a descoberta da América, achando uma coisa fácil que qualquer um podia fazer. Então Colombo pegou um ovo e perguntou: quem é capaz de colocar este ovo em pé nesta mesa. Todo o mundo era capaz, mas não conseguiram colocá-lo. Colombo então amassou-o em uma das suas extremidades e o colocou na mesa. Assim diziam os participantes do banquete, nós também somos capazes. Mas o fato é que ninguém o fez.

Joaquim Bartolino Proença foi o pioneiro do teatro em Cuiabá, Manoel Bodstein do Cinema, Jerzy Jacob da radio difusão.

Foram pessoas idealistas que deram muito de si em benefício da coletividade.

Um dia um senhor paulista cheio de entusiasmo chegou em Cuiabá e imaginou plantar café no paralelo 11. Tinha dinheiro e lançou-se à aventura. Resultado, perdeu o que tinha. Mas realizou. Esse senhor se chama Roberto Jaques Brunini. A ele o Norte de Mato Grosso deve em grande parte o seu desenvolvimento. Brunini sonhou, Enio Pepino hoje transformou o seu sonho em realidade, plantando cidades no coração das "matas nunca dantes penetradas".

Dai a minha admiração pela Senhorita ANTONIETA RIES COELHO.

Anton'eta lutou contra tudo e contra todos para dar a Cuiabá uma emissora de TV. e deu

Tanto fez, tanto lutou que terminou realizando o seu ideal. Falava, explicava, esclarecia, procurando vender aparelhos de televisão e os vendeu. Daí a luta para construir a Estação, até que finalmente venceu. Se ela dedicasse esse tempo a outro qualquer empreendimento, mais lucrativo ou melhor seu, estaria rica. Mas não, ela se sacrificou por um ideal e deu a Cuiabá a TV Centro América Canal 4.

Porisso com justiça registrei na segunda edição de "DATAS MATOGROSSENSES" a seguinte nota: "13 de fevereiro — 1969 — Em cerimônia realizada às 21 horas, foi inaugurada a TV Centro América, Canal 4. Ao ato compareceram Dr. Leal de Queiroz, Secretário do Interior e Justiça, representante o Governador do Estado, Deputado Emanuel Pinheiro da Silva Primo, Presidente da Assembleia Legislativa, Desembargador William Drogisch, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, Deputado Federal Arnaldo Cerqueira, da Bancada de São Paulo, Dr. Bento Machado Lobo, Prefeito de Cuiabá, Dra. Ana Maria do Couto e Professora Guilhermina de Figueiredo, Sr. Delfino Santana

25

Rocha de Matos, Sub-Chefe da Casa Civil do Governo do Estado e elementos do Grupo Zahran.

Falaram a ocasião os Srs. Drs. Leal de Queiroz, Deputado Emanuel Pinheiro e Bento Machado Lobo, e a Diretora da TV Srta. Antonieta Ries Coelho".

Cuiabá tinha a sua Estação de Televisão. Agora era a luta da programação.

Era precisamente no ano em que Cuiabá completava 250 anos da sua fundação. Antonieta organizou um programa sobre a história da cidade e convidou para onde tomarem parte, três membros do Instituto Histórico de Mato Grosso: Padre Firmo Pinto Duarte, Augusto Mário Vieira e eu.

Falávamos sobre coisas da cidade no decorrer dos seus 250 anos.

Eu lia trecho do meu livro "RUAS DE CUIABÁ" procurando destacar seu folclore, suas lendas e crendices como: "Cabeça do Pacu", "O Nome de Cuiabá", "Senhor Bom Jesus", "A Alavanca de Ouro", "Mãe de Ouro", "O Crime de Ogún", "Enterro de Ouro", "O Chicote", "Nossa Senhora do Carmo", "Frei Macerata", "O Milagre da Custódia", "Lágrimas do Bom Jesus", "Ouro do Defunto", "Missa do Galo", "Laranjeiras Cuiabanas", "Padre do Bate Bruaca", "A Visão" e na parte das crendices: "Lobisomem", "A Bruxa", "Porca com Leitões", "Negrinho d'Água", "Currupira", Tibanaré", "Minhocão do Pará", "Mula sem Cabeça", "O Pacto com o Diabo".

Estava instalada a TV Centro América e o seu programa, se não era dos melhores, também não era dos piores.

O serviço que Antonicta prestou à Cuiabá nessa ocasião foi grande.

O povo vibrava com esses festejos. 250 anos já representam alguma coisa na vida de uma cidade, e sobretudo numa cidade como Cuiabá que viveu isolada do mundo, cuja existência é um verdadeiro milagre de brasilidade.

Certa vez eu escrevi que o cuiabano vive de teimoso e isso é verdade

Quando terminou a fase da mineração Cuiabá quase desaparece. O cuiabano ficou na terra de teimoso. Fez sua pequena indústria e viveu com todo o sacrifício, mas não abandonou a terra. Depois vem a Guerra do Paraguai. Cuiabá fica isolado do mundo. Não desanimou. Resistiu. 5 anos de sacrifício. Igual sofrimento por que passou este povo, só se compara com os dos israelistas. Perseguidos por todos e por tudo, sobrevivem.

Com esse espírito de luta que tem o cuiabano Antonicta enfrentou todas as dificuldades e aí está a TV Centro América vencedora.

Dr. Francisco Antunes Muniz

Meu padrinho chamava-se FRANCISCO ANTUNES MUNIZ, era preto como carvão. Bacharel em Direito e advogado dos bons. Faleceu no dia 16 de abril de 1931, como Juiz de Direito de Santo Antonio do Rio Abaixo. Era um Juiz honesto.

Foi advogado do General CAETANO MANOEL DE FARIA E ALBUQUERQUE quando a Assembléa Legislativa de Mato Grosso lhe moveu o primeiro IMPEACHMENT da nossa história. Publicou "Resposta", que o General CAETANO MANOEL DE FARIA E ALBUQUERQUE, Presidente do Estado de Mato Grosso, ofereceu à Assembléa Legislativa Estadual sobre a denúncia que contra o mesmo General foi apresentada àquela Assembléa em 11 de setembro de 1916, justificando a ilegalidade da medida, disse: "Ainda mesmo que a Assembléa Legislativa não estivesse inibida de processar o paciente pela falta de competência, o estaria por não dispor de número legal para julgamento. Existindo atualmente 22 deputados, por terem falecido os Srs. Coroneis JOAQUIM CARACIOLO PEIXOTO DE AZEVEDO e AVELINO ANTONIO DE SIQUEIRA e sendo incompatíveis para servir conjuntamente os deputados seguintes:— Dr. Trigo de Loureiro, sogro do Dr. Melaleel M. Rego; Pilade Rebuá, irmão de Angelo Rebuá; Júlio Muller primo-irmão de Teofilo de Arruda; João de Almeida Castro, primo irmão afim de Francisco Pinto de Oliveira; Luiz da Costa Ribeiro, tio afim de Amarílio Alves de Almeida e o mesmo Luiz da Costa Ribeiro, tio afim de Henrique José Vieira Filho (doc. nº 6), além dos deputados suspeitos a que já fizemos referência, não haverá número suficiente para que funcione legalmente a Assembléa".

Com todo esse arrazoado, o General Caetano renunciou ao cargo.

Meu padrinho era líder católico e colaborador do jornal "A Cruz", órgão católico fundado e dirigido por FREI AMBROSIO DAYDÉ.

Lembro-me perfeitamente quando meu padrinho ia visitar Dom Aquino, no Seminário da Conceição. Ele sempre me levava nessas visitas.

Ele, como já disse, era bem preto. vestia roupa branca SS. 120, sapato branco, colocava um revólver niquelado na cintura e uma faca de prata na cava do colete. Chapéu também era Panamá, branco.

Eu gostava de conversar com ele. Fazia peixe que era uma maravilha. Eu almoçava quase todos os dias com ele.

Então ele me contava as lutas que teve para se formar, e me dizia: "Quando você ver um negro vencer na vida, fique certo que ele tem muito valor. Todo o mundo é contra o negro. Se você contrariar o interesse de alguém, vem logo: "que voce podia esperar num negro. Negro quando não faz feio, dá desgosto" e assim por diante.

De vez enquanto ele lia uma poesia sua para mim. Não era grande poeta. Apenas fazia versos, os seus artigos eram melhores, era combativo e atrativo.

Certa vez ele me contou: "Era juiz de direito em Porto Murtinho, andou contrariando um chefe político local, o chefe mandou matá-lo. Ele estava em casa, na rede, quando ouviu o barulho de gente invadindo-lhe a residência, levantou e foi ver o que era. Homens armados lhe perguntaram: "Negro, onde está o Dr.?"

Ele, vendo a coisa preta, disse: "O Dr. fugiu esta madrugada". Em seguida tomou uma canoa e desapareceu.

E me dizia: "Não morri por ser preto".

Brigava com os chefes políticos, coronéis donos de usinas, delegados de polícia. Era a favor do fracô contra o forte. Bastava um sujeito ser perseguido para ter o seu apoio.

Sua casa, aqui na rua do Campo (Rua Barão de Melgaço), onde hoje está o Supermercado Silvina, vivia cheia de gente humilde, de gente perseguida.

Eu hoje penso que ele julgava mais com o coração, do que com a lei, mas de qualquer forma era um homem bom.

Ele sempre mostrou muita estima por mim. Quando eu tinha uns tres anos de idade, ele me dava um prata (era prata mesmo) de dois mil réis, para eu recitar uns versos que ele mesmo me ensinou:

"Negro não vai no céu
Nem que seja imperador,
Ele tem cabelo grenho
pra espetar nosso Senhor"

Seu falecimento, assim o historiador ESTEVÃO DE MENDONÇA registrou nas "DATAS MATO-GROSSENSSES": 1931 — 16 de abril, faleceu na cidade de Santo Antonio do Rio Abaixo, o Dr. Francisco A. Muniz, meu compadre. Era Juiz de Direito daquela comarca, e conduzido o corpo para Cuiabá, ai sepultado na Piedade, na manhã de 17. Minha comadre Amélia Antunes Muniz, esposa, o meu filho, afilhado, foram os que acompanharam o corpo de Santo Antonio até aqui. Alma Branca, sendo preto".

BRUNINI

Bem andou a nossa Câmara de Vereadores ao conferir o título de Cidadão Cuiabano a Roberto Jacques Brunini. Brunini é um cuiabano autêntico. O seu amor à terra adoptiva é extremado. Para Brunini Cuiabá é tudo. Ele é tão cuiabano igual comigo, que me orgulho de ser cuiabano de 250 anos. Na ata da fundação da cidade já figurava ao lado de Pascoal Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça.

Mas, voltemos ao Brunini. Ele é um homem de ação e de valor. Conheci-o em 1953, quando o seu escritório era na Rua Barrão de Melgaço, na garagem do Arnaldo Rondon. Com ele trabalhei e registramos o jornal SARA, fundado por Wladimir Dias Pino. Posteriormente fundamos com D'Almeida Victor o jornal A CRÍTICA.

Sempre achei Brunini um poeta e por isso dediquei-lhe o meu livro de versos DOM POR DO SOL.

Um dia procurei Brunini no escritório, isto é, na garagem, ele estava todo eufórico e me convidou: — Vamos fundar uma cidade nova na Chapada do Guimarães — Cuiabá da Serra. E daí começou o sonho.

Eu acreditei na conversa e Brunini no sonho.

Nesse ínterim, chegou a Cuiabá o seu irmão Carlos, Brunini me apresentou ao Carlos.

Passado alguns dias ele me anunciou: — Vamos comprar A VOZ DO OESTE e fazer dela uma grande emissora.

Dias após, procurei o poeta Newton Alfredo, que conhece rádio e é um dos melhores locutores de Cuiabá e disse-lhe: — Brunini vai comprar A VOZ DO OESTE e quer que você vá trabalhar com ele. O poeta prometeu-me procurar o Brunini, o que efetiva-

mente fez.

Sempre sonhando, Brunini, o poeta, desviou a sua atenção da Companhia Melhoramentos Irmãos Brunini, para se dedicar mais à rádio.

Negócios feitos na base da poesia, prejuízos causados por vários desastres de aviões de propriedade da firma lhe dificultaram os negócios, mas ele continuou o mesmo homem cheio de bom humor e otimista.

Montou a BOITE TROPICAL. Gastou um dinheirão. Todo o mundo bebia «whisky» e ninguém pagava. Eu e Rádio Maia éramos freguêses assíduos.

Para o seu deleite, Brunini organizou uma orquestra. Mandou vir de São Paulo o maestro Cadornas.

Nessa época me afastei do escritório, não por causa do Brunini, mas de um seu auxiliar.

Os tempos passaram. Brunini sonha montar em Cuiabá, uma televisão.

Lança a pedra fundamental. Mas não consegue levar avante a idéia.

Dai, o Brunini volta novamente à imprensa, faz de o SOCIAL DEMOCRATA um jornal. Ele tem grande capacidade de trabalho. Sempre amável, risonho e gentil. Nunca o vi zangado. Nunca se queixou ou falou mal de alguém. Gosta de Cuiaba' e vive para Cuiaba'. Merecia ser vereador. Mas não trabalho por sua candidatura. Até o seu símbolo era poético: uma rosa vermelha.

Brunini me faz lembrar aqueles versos de Pereira da Silva, em ALTA NOITE:

“E bem sei que tu és um sonhador.

E quem sonha é feliz

Seja la' como for!”

Após receber o Título de Cidadão Cuiabano, a Assembléia Legislativa do Estado, em sessão de 20 de dezembro de 1974, conferiu-lhe o Título de Cidadão Mato-Grossense, modesto como era, para BRUNINI apresentar o seu CURRICULUM VITAE foi aquela luta, mas finalmente consegui arrancar-lhe o curriculum.

1 - DADOS PESSOAIS

Nome - ROBERTO JACQUES BRUNINI

Nacionalidade - brasileiro

Naturalidade - Rio Claro - SP. *1910*

Profissão - Jornalista Profissional

2 - CURSO REALIZADO

Cursou Contabilidade no Instituto Comercial Arthur Bilac
- Rio Claro

3 - Ex-Relações Públicas dos Jornais Associados do Interior,
Presidente Prudente, de 1948 a 1950.

Ex-Relações Públicas do Laboratório Produtos Veterinários
Vigor - Jaboticabal - SP.

Ex-Publicitário de Anis Abud, onde promoveu a implantação
da cidade Serra Rica no Paraná

Ex-Relações Públicas de Agro Colonizadora Industrial Li-
mitada, do ex-deputado Hugo Borghi, e promoveu o lança-
mento da Gleba Boa Esperança no quadrilátero, hoje Capi-
tal Federal.

Realizou em Campo Grande o loteamento Jardim Sumaré

Fundou a Rádio Clube de Dourados

Fundador do "Correio do Estado" - Campo Grande

Reformulou "A Rádio Difusora de Campo Grande"

Ex-Diretor do Jornal "Social Democrata"

Lançou a colonização Modelo na Amazônia Mato-grossense e implantou dois núcleos coloniais Sertania e Ubiratan, com todos os modernos recursos sociais da época, onde pesquisou as possibilidades agrícolas, pastoris e identificação das madeiras de lei da região.

Editou 31 livros de autores mato-grossenses como Rubens de Mendonça, João Antonio Neto, Gervásio Leite, Domingos Sávio Brandão, Dunga Rodrigues, Firmo Rodrigues, Dr. Clóvis Corrêa da Costa, João Moreira de Barros.

Colaborou com o Prefeito Vicente Emílio Vuolo na realização da mais bela praça do Estado, a Praça Alencastro.

Ex-primeiro Suplente de Vereador da Capital pela Arena

Vice Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Mato Grosso

Ex-proprietário das Casas Bancárias Levy de Cuiabá e Financeira do Rio

Manteve em Cuiabá uma frota de cinco aviões Bonanza para proprietários rurais.

Construiu os campos de aviação homologados e Sertania e Ubiratan nos municípios de Rosário Oeste e Chapada dos Guimarães.

Couto de Magalhães

Estamos no ano de 1866. Em plena Guerra do Paraguai. Cuiabá se achava isolada do mundo, quando um dia aparece um homem de 30 anos de idade, para assumir o governo da Província de Mato Grosso. Era doutor formado pela Faculdade de Direito de São Paulo e aqui se fez militar. A Província estava em guerra. Nunca o cuiabano deu maior prova de heroísmo e brasilidade que naquela época. O Sul de Mato Grosso até a Vila de Corumbá se encontrava nas mãos do inimigo. Só Cuiabá resistia a invasão. Lopes havia perdido a esperança de ocupar a Capital de Mato Grosso. Pois bem, esse homem nascido em Diamantina, Minas Gerais, veio para governar Mato Grosso, anteriormente ele já havia sido Presidente da Província de Goiás, agora veio governar Mato Grosso em guerra. Sua primeira preocupação era retomar ao inimigo o nosso território ocupado desde o início da guerra. Para isso organizou três corpos expedicionários para atacar a Vila de Corumbá, entregando o comando dos dois primeiros corpos ao Tenente Coronel Antonio Maria Coelho e Major Antonio José da Costa e o terceiro formado em Cáceres ao Major João Carlos Pereira Leite. O Presidente acompanhou as forças expedicionárias até Corumbá, onde no dia 13 de Junho de 1867, Antonio Maria Coelho assaltou a praça e a retomou dos paraguaios.

Por uma fatalidade, em Corumbá grassava a epidemia da varíola e o contato dos soldados com os nossos patrícios prisioneiros do inimigo, transmitiu a doença aos nossos e estes a trouxeram à Cuiabá, onde conforme afirmou Joaquim Pereira Moutinho no seu livro publicado em 1869, "Notícia sobre a Província de Mato Grosso": "numa população de 12.000 almas mais da metade sucumbiu".

Couto de Magalhães foi acusado de responsável pela invasão da varíola, em Cuiabá. Moutinho e o Padre Ernesto Camilo Barreto nunca o perdoaram por isso, entretando o Presidente em combinação com o Major João Carlos Pereira Leite, conseguiu, através do território boliviano e por pessoa de sua confiança residente em Santa Cruz de La Sierra, que de Corumbá lhe fossem, de 15 em 15 dias, remetidas as notícias dos fatos ocorridos naquela praça.

Recebia o Major João Carlos. comunicações cifradas e as remetia ao Presidente, de modo que Couto de Magalhães, ele, apenas e o Capitão Tenente Balduino José Ferreira de Aguiar, conheciam a situação do inimigo. Tanto quanto possível, as missivas enviadas ao Presidente mencionavam, até fuzilamentos, mas nem sequer de leve se referiam à epidemia da variola, que ali grassava, relata o historiador Estevão de Mendonça, nas "Datas Matogrossenses".

Como podia Couto de Magalhães adivinhar a existência da doença? As informações vindas de Corumbá nem de leve a mencionavam.

Mas, para o Padre Ernesto Camilo Barreto, seu adversário político, Couto de Magalhães foi o responsável. Dizia o Padre Ernesto da Tribuna da Assembléa Legislativa Provincial: "Que a mortalidade, das praças dessa fôrça, vítimas da variola pelo contato com as da vanguarda, e com as prisioneiras, não pôde ter outro responsável se não aquêlê, devendo retroceder do ponto em que es-

tava para a Capital, ou ao menos detê-la, foi sem necessidade, nem utilidade, levada ao foco da epidemia; como cordeiros ao sacrifício, é inegável!

— "Que não deu providência alguma, em ordem a obstar o contágio na Capital, e pelo contrário se desprezou a requisição feita pelo Provedor de Saúde, chefe de Polícia e comandante das Armas, todos sabem".

Couto de Magalhães se defendeu das acusações do Padre, chegando mesmo a publicar artigos nesse sentido, um dos quais terminava com estas palavras: "Si tendô sido vitorioso vejo-me, hoje, forçado a defender-me, que sorte me aguardaria si eu tivesse sido vencido?".

Mas, deixemos a discursão do Padre e tratemos do Presidente. Retomada a Vila de Corumbá, Couto de Magalhães tratou da navegação do rio Araguaia. Pretendia o Presidente ligar a Bacia do Prata à do Amazonas. Seu projeto foi qualificado de loucura e utopia, porém ele o justificava: "Esta artéria da civilização (o Araguaia) não levou ainda vida ao corpo onde ela corre. Quanta felicidade não poderia haver por essas paragens, onde o solo é tão fértil, onde o rio oferece ao pescador numerosos pescados, onde o bosque encerra tanta caça, onde a vida é alimentada por um clima saudável, e o espírito animado por tantas impressões grandiosas?

"De todos os rios que tenho visto, nenhum oferece, nem de longe, a majestade do Araguaia; suas águas estendem-se na largura de 500 braças; essa massa gigantesca desce tôda por igual ao longo do enorme leito, sem se ver uma torrente mais apressada em seu seio, de modo que parece antes um corpo sólido e orgânico do que uma porção de líquido. Aqui o deserto é de uma majestade tão importante que assombra e abate o espírito. De qualquer parte que lancemos os olhos, enxergam-se planícies sem fim, que vão indo, tornando-se cada vez mais azuladas, até que de todo se confundem com o céu. O mais pequeno obstáculo, o mais insignificante outeiro, não encrespa a superfície da terra: tudo é vasto, majestoso e melancólico o infinito".

Para esse rio tão poeticamente descrito, fez Couto de Magalhães viajar 16 carros de bois, através de 100 léguas de sertão bravo, escoltado por 20 praças, com machados e enxadas, a abrirem picadas, construir pontilhões à medida que avançavam o navio CUIABÁ. Vários participantes dessa aventura, ficaram prostrados pelo caminho, de fadiga ou vítimas da malária. Mas o navio foi transportado ao rio Araguaia. Chefiava o grupo dos condutores o destemido sertanista Antônio Gomes Pinheiro, a quem Couto de Magalhães dizia em carta: «Não me falhe; o senhor é o meu braço direito nesta obra» e conclui Estevão de Mendonça: «E tão era a confiança na intrepidez do capitão Gomes Pinheiro, que tendo recebido no pôrto do Tauá, à margem do rio Piquiri, o casco do CUIABÁ, o conduziu ao pôrto de Ita-Acajú sem outro embaraço que o decorrente de uma travessia de mais de cem léguas pelo sertão do leste.

Couto de Magalhães era um homem de tempera de aço. Há um século atrás tentou ligar a Baía do Prata a do Amazônas.

Zé Galego

Há governos que trazem alegria ao povo, como há governos que não despertam vibração popular, governos frios. João Carlos Augusto de Oenhausen de Gravenberg foi um Capitão General alegre. Seu sucessor Francisco de Paula Tavares Magessi de Carvalho foi um governo triste. Couto de Magalhães, apesar da Guerra do Paraguai era um governo alegre, já o Barão de Melgaço era austero. Dom Aquino foi um governo alegre, apesar da sua condição de bispo, o coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa era como o Barão de Melgaço sisudo. Mas de todos os governadores o que mais alegria trouxe ao povo, foi sem dúvida o Dr. Mário Corrêa da Costa. Na sua primeira administração (1926-1930), foram fundados os clubes Feminino e Concordia. O Presidente e sua família participavam das festas, inclusive Carnaval. D. Dulce Corrêa da Costa era uma senhora alegre, gostava e animava as nossas festas, inclusive também as tradicionais como Espírito Santo, São João, São Benedito. Dr. Mário, justiça se lhe faça modificou a mentalidade do povo. No seu governo o povo passou a viver socialmente.

Havia em Cuiabá naquela época várias orquestras: Zé Galego, Fanô e outras menos afamadas.

São João era festa de arromba. No Porto, Várzea Grande nesse tempo era Cuiabá, havia o São João de Belinho, meu amigo Abelardo Ribeiro de Azevedo, havia na rua 15 de Novembro, na casa do Sr. Gattass, no Mundeuzinho, Praça Bispo Dom José, havia o São João do Zé Brasil. No José Brasil não precisava ser São João para ter baile. As músicas eram do Zé Galego, composição e letra.

Quando iam lavar São João, depois do hino do Santo, o Zé Galego tocava e cantava:

“Não há noite tão feliz
Como a noite de S. João!
Não há noite tão feliz
Como a noite de S. João!

Ó roda morena, roda,

Ó vamos lavar S. João!
Ó roda, morena, roda,
Ó vamos lavar S. João!

As músicas do Zé Galego eram assim simples, mas agradavam pela simplicidade.

Ninguém guardou, ninguém registrou essas músicas. Eu as conheço porque as ouvi tocadas por minha saudosa amiga D. Zulmira Canavarros.

Pena é que naquele tempo em que eu as ouvia não houvesse gravadores para fixar as músicas. Apenas registrei a letra.

Havia uma música que dizia assim:

“Em Cuiabá
Eu conheço tudo:
Rua dos Porcos, Beco Quente e
Beco Sujo”.

Outra música também, composição do Zé Galego dizia assim:

“O vapor Iguatemi amanhã já vai parti
Levando Signorelli e deixando nós aqui!”

Ó chora, morena, chora,
Não deixa o vapor parti!
Ó chora, morena, chora,
Não deixa o vapor parti!

O vapor Iguatemi amanhã já vai zarpar
Levando Signorelli, deixando a Capital!”

Signoaelli era um rapaz de Corumbá, chamava Arnaldo Antunes Signorelli

e naquele tempo deveria ser o Petronio da terra. Ele foi Inspetor Federal de um Ginásio em Corumbá e candidato a Deputado Estadual pelo Partido Liberal Mato-Grossense, em 1933.

Aláide de Melo também cantava uma música referente a um aniversário do Dr. Armando de Souza, na Chacara do Sr. Pereira, no Barbado, cuja letra reproduzo de memória:

Nas bandas lá do Barbado,
Na chacara do "seo" Pereira,
Houve um pequinique afamado,
Uma ideal pagodeira..

Havia outros versos dos quais não me lembro e terminava:

Ao terminar a folia Licio disse chorando

Antes fosse todo o dia aniversário do Armando."

Nada disso ficou registrado.

Também é atribuída a Zé Galego uma música em homenagem a uma vitória eleitoral do Dr. João Vilasboas.

Estava no samba quando a polícia chegou

Acaba com este samba que o Delegado mandou..

Você está alegre, mas é atoa

Quem manda aqui é o Deputado Vilasboa."

Nesse tempo havia alegria no povo. As festas eram concorridíssimas. Aqui, como em outros municípios. Havia várias bandas de músicas. Certa vez, contou-me D. Zulmira: houve uma festa no Livramento. Manoel Bodstein, proprietário do Cinema Parisien, resolveu passar um filme em Praça pública. Lá encontrou a Banda de música de João Marinho da Fonseca. Então o Bodstein pediu a ele que tocasse na hora do espetáculo. O filme era A Paixão de Cristo. No momento em que a cena era a subida ao Calvario, João Marinho achou que a música apropriada era Tatú subiu no pau. E meteu brasa. O espetáculo que era sério terminou em risos.

Mas, o que eu queria escrever era sobre Zé Galego. Ele marcou época. Era um preto simpático, Sargento do Exército. A sua orquestra era uma das famadas de Cuiabá.

39

34 Anos de Convívio Com Estevão de Mendonça

Seus hábitos, você quer saber. Pois bem, vou fazer o possível para lhe dizer alguma coisa.

Papai dormia às 19 horas e acordava entre meia noite e uma hora. Almoçava às 10 e jantava às 16 horas.

Trabalhava pela madrugada. Depois do guaraná que bebia tão logo acordasse, começava a trabalhar. Escrevia até às 6 horas.

No seu quarto, que era quarto de dormir e escritório havia uma cama, uma cadeira de balanço de vime, uma rede onde ele passava o dia, pois à noite dormia na cama. Ainda havia uma escrivanhã e uma cadeira onde ele trabalhava.

Nesse quarto ele recebeu a visita do Marechal Dutra, quando Presidente da República, durante a sua visita à Cuiabá.

Papai não bebia, nunca o vi beber, mas fumava cigarros de palha e para comer, comia apenas (todos os dias) arroz, frango e caldo de jeijão, isso era de 1º de janeiro a 31 de dezembro.

Ele tinha um horror por dobradinha (bicho), era só ouvir vendedor anunciar bicho, ele vomitava. João Pereira Leite era amigo de Papai, ele morava na rua Campo Grande, sabedor da alergia que ele tinha por bicho, mandava um garoto oferecer lá em casa, nesta mesma casa, pois nela eu nasci e nunca me mudei.

Papai quando acabava de trabalhar ficava na janela vendo o movimento da rua.

Ele lia um documento várias vezes. Faleceu sem nunca haver escrito na nova ortografia.

Certa vez perguntei-lhe: Papai, fulano é honesto?

Ele desviou a conversa. Passando algum tempo formulei-lhe a mesma pergunta. Mudou de assunto, na terceira vez que lhe perguntei, ele me respondeu-me: "é, nunca pariu".

Você, Jucá me pergunta como era Estevão de Mendonça na intimidade. A resposta não é tão fácil como pode parecer.

Ele tinha a mania de usar gravata verde. Botina de elástico e roupa azul marinho.

O seu maior amigo, era o compadre Fabio Monteiro de Lima com quem carteava diariamente.

Antes da inauguração da linha aérea para Cuiabá

bá era a correspondência feita por via fluvial. Por via fluvial, ele recebia o "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, do qual foi assinante por mais de 30 anos. Também recebia a "Revista da Semana" e o "Correio da Manhã" que o compadre Fabio lhe mandava.

* Antoava todos os fatos ocorridos de sua vida, ou relacionado com outras pessoas. Exemplo:

"1920 — Meu pai faleceu às 9 horas da manhã de 19 de fevereiro, na vila de Nioaque. No mesmo ano veio para minha companhia a minha irmã Natividade, que chegou na noite de 20 de abril. Viajou no pacote "Nioaque".

1924 — Bartira, depois da grave molestia que teve, veio para cá no dia 10 de novembro de 1924. No dia cinco de setembro teve o parto da Mariinha. A-doeceu a 6, Dr. Epaminondas chamado na manhã de 7, dia 25 para 26 de setembro muito mal. 4 de outubro, junta médica. 24 primeiro dia sem febre.

1926 — 18 de janeiro — Chegou Dr. Mario Correa na "Iguatemi".

1926 — 5 de julho, sábado — Faleceu José, 2º filho da Bartira, sendo sepultado no dia seguinte na Piedade (Tumulo da família).

1928 — 8 de setembro — Other casou-se no Rio de Janeiro, com Maria José Muzzi de Abreu

1928 — 19 de dezembro — às 5 horas da tarde, embarquei na "Eoio" com o Rubens, pequeno. Regressamos de Corumbá.

1929 — 2 de janeiro — Eu e Rubens, voltamos de Corumbá, chegamos à vila de Santo Antônio às 7 e três quartos da manhã. Tomamos o auto às 8, e as 9.20 chegamos em casa.

1929 — 16 de fevereiro — Espancamento Antônio Caetano, José de Angelis e João Benedito Barreto. Polícia em torno do jornal "A Reação". O espancamento teve inicio no Esquadrão de Cavalaria, e terminou na residência do Dr. Mario Correa, e na sua presença. Ver "O Mato Grosso" do dia seguinte, domingo, 17.

1929 — 1º de julho — Nasceu na Paraíba, Elza, primeira filha do Other.

1929 — 4 de março — Level Rubens ao "Buriti".

1929 — 30 de março — Chegada do Senador Azevedo."

Assim, Estevão de Mendonça anotava tudo.

Papai não escrevia e nem lia versos, quando encontrei nas "MEMÓRIAS DUM CUIABANO" aqueles versos que transcrevi em "Ruas de Cuiabá", fiquei admirado. Os versos estavam entre aspas. Ver-

41

so que ele sabia de cór e sempre dizia, eram estes:
"Graças a Deus que já tenho
Duas camisas para mudar...
Uma que me prometeram
E outra que vão me dar!"

Quando eu me entendi por gente, Papai sempre estava doente. Ele teve todas as doenças que existem na face da terra. Diariamente tomava remédio.

Dos amigos, com os quais ele gostava de palestrar estavam: Marechal Rondon, Dom Aquino, Desembargador Mesquita, Sergio e Ernesto Pereira Borges, Batinga, Dr. Jonas Correa da Costa, Desembargador Celso de Albuquerque, Dr. Joaquim Amaranante, Desembargador Armando de Souza, Jercy Jacob, Dr. Francisco Antunes Muniz, meu padrinho, Desembargador Olegário Moreira de Barros, Dr. Leonidas de Matos.

XXXXXX

Uma das pessoas mais inteligentes que Papai sempre dizia que conheceu foi o Desembargador Carvalhosa.

Os homens de maior cultura do Estado, Papai considerava: Paulo Coimbra de Queiroz, João viasboas, Armando de Souza, Ernesto Pereira Borges, Gervásio Leite e Antônio de Arruda, por quem tinha uma estima toda especial.

Papai lia tudo. Mas dos escritores que ele mais gostava eram de Eça de Queiroz e Paulo de Kock.

Um dia perguntei-lhe que tal achava Machado de Assis e ele respondeu-me meio pedante. Entretanto eu gosto de Machado.

Para ele, o maior historiador do Brasil era Castrano de Abreu.

Outros amigos por quem Papai tinha grande afeição eram: Monteiro Lobato, Dr. Cândido Fontoura e Jaime de Vasconcelos.

Certa vez ele me contou mostrando um furo na sua mesa de trabalho.

Este buraco que você está vendo foi um tiro. Era na revolução de 1906. Eu morava na rua do Meio, quando começou o tiroteio entre as forças do governo e os revolucionários.

Estava escrevendo. Sua Mãe já havia me cha-

mado por mais de três vezes. Quando a sua Mãe me chamou na quarta vez, eu resolvi obedecê-la, levantei-me para descer, mal dei três passos veio a baia e pegou justamente no lugar onde eu estava.

Papai não gostava do Cel. Generoso Ponce, quando ia lá em casa o Cel. João Pedro de Arruda quase sempre a conversa girava em torno de Ponce, nem Papai nem o Cel. João Pedro o elogiava.

Outra pessoa de quem Papai não gostava era o Dr. Mario Correa da Costa, mas entretanto quando o Dr. Mario foi deposto, ele foi à casa do Deputado Vieira Neto visitá-lo. Perguntei-lhe a razão porque assim procedia, respondeu-me é filho do meu amigo Antônio Correa da Costa. E agora ele não é mais governador.

XXXXXX

Quando eu me entendi por gente, Papai já não gozava boa situação financeira. Lutava com dificuldades. Trabalhava para viver.

Apezar da fama que Papai gozava de bom advogado, devido seu estado de saúde, as causas íra rareando.

Mesmo assim a gente ia vivendo. Nunca filho nem o ajudou.

Durante os 34 anos que convivi com Papai, apenas uma vez eu o vi sair à rua armado. Nessa época eu devia ter uns 10 anos.

XXXXXX

O motivo não fiquei sabendo.

Tendo uma porção de cartas dirigidas a Papai, por personalidades importantes, não só do Estado, como Nacional. Entre elas guardo com especial carinho duas cartas do Dr. Getúlio Vargas.

Na mocidade Papai foi republicano. Quando se proclamou a república ele era republicano. Depois se tornou monarquista. Admirava Dom Pedro II. Saudosismo, talvez!

De uma feita Papai estava doente em 1940. Me chamou e me deu o seu exemplar de "Datas Mato-Grossenses" e as "Memórias dum Cuiabano" e outros artigos de sua autoria e me disse: desta vez eu acho que não escapo, se eu morrer você guarde isso, se puder reeditar as "Datas" bem, se você não conseguir guarde-a para você, senão vai pro lixo.

Os homens de maior cultura do Estado, Papai considerava: Paulo Colombo de Queiroz, João Vi-
rasboas, Armando de Souza, Ernesto Pereira Borges,
Gervásio Leite e Antônio de Arruda, por quem tinha
uma estima toda especial.

Papai lia tudo. Mas dos escritores que ele mais
gostava eram de Eça de Queiroz e Paulo de Kock.

Um dia perguntei-lhe que tal achava Machado
de Assis e ele respondeu-me meio pedante. Entre-
tanto eu gosto de Machado.

Para ele, o maior historiador do Brasil era Ca-
pistrano de Abreu.

Outros amigos por quem Papai tinha grande a-
feição eram: Monteiro Lobato, Dr. Cândido Fontoura
e Jaime de Vasconcelos.

Certa vez ele me contou mostrando um furo na
sua mesa de trabalho.

Este buraco que você está vendo foi um tiro.

Era na revolução de 1906. Eu morava na rua do
Meio, quando começou o tiroteio entre as forças
do governo e os revolucionários.

Estava escrevendo. Sua Mãe já havia me cha-

mando bastante. Papai me perguntou o que havia
sido. Disse-lhe que havia comido um salame e
ele me fez mal.

Tempos depois, eu estava em casa com o
Dr. Gasparino, que era casado com a sobrinha Te-
rezinha, tomando uns Whiskys, Papai vendo que
a garrafa ia esvaziando, disse-me: olha! Cuida-
do com o salame!

No dia em que Papai faleceu, 2 de dezem-
bro de 1949, eu tinha no bolso apenas uma no-
ta de dez cruzeiros, velhos, o meu amigo José
Corsino que me emprestou Cr\$. 50,00 para pagar
telegrama e outras coisas. ã

Ele foi sepultado no Cemitério da Piedade
ao lado do Tumulo do Barão de Melgaço. sepul-
tura doada pela Intendência Municipal de Cuiabá
em 1910, em reconhecimento aos seus serviços
prestados à Capital do Estado.

Era isso, Jucá o que eu podia lhe contar.
Quando forem publicadas as MERÓRIAS DUM CU'A
BANO você saberá o resto.

44

Em homenagem à sua memória a Prefeitura de Barão de Melgaço sua terra natal, mandou erigir na Praça Alencastro, nesta Capital, o seu busto em bronze, com a expressiva inscrição: A ESTEVAO DE MENDONÇA, maior historiador mato-grossense homenagem da sua Terra Natal — Prefeitura de Barão de Melgaço."

Quando Dom Aquino Correa mandou editar as "DATAS MATO-GROSSENSES" em 1919, conta as MEMÓRIAS DE UM QUIABANO o Dr. Otavio Cunha, amigo de Estevão de Mendonça, escreveu a seguinte quadra:

"Este que tem vão no nome
E que de vão nada tem...
Junto ao Bispo andou com fome
"DATAS" vendeu-lhe a vintem!..."

Por ocasião da publicação da 2ª edição, o jornal "A EQUIPE" publicou a seguinte quadra do Cel. OTAVIO DE JORGE DA SILVA

"Eu creio... Tu crês... Ele crê...
E o Norte eu mando às batatas.
Contando que ele me dê:
O dinheiro para as "DATAS"!"

Também por outro lado apareceram versos com estes do brilhante Jornalista Roberto Jaques Brunini:

"O poeta
que fez história,
uma estória um dia contou.
Era uma vez...
Na velha cidade,
cidade bonita,
passado, presente, futuro.
Academias — Institutos —
Talpas — Concreto —
tudo de tudo.
Alfarrabistas,
Pesquisadores,
Historiadores.
Na velha cidade..."

Um homem escreveu um livro,
registrando na história,
parte da história Pátria,
com pedacinhos da história,
em cronológicas datas,
dos séculos rebuscados.
Cinquenta anos depois...
Cidade civilizada.

"Nação desenvolvida é povo que lê".
O livro foi lembrado.
O homem recebe busto na praça.
Discurso.
Discurso.
Bandinha.
Ponto.
O livro na biblioteca.
O filho herdeiro escreveu,
os outros cinquenta anos,
de história de nossa história.
Índio continua índio.
Sesquicentenário.
Na biblioteca,
aguardando as novas datas,
tem DATAS MATO-GROSSENSES.

João Dias

Um dia chegou a Cuiabá um cearense pobre, mas idealista. Trazia um fonógrafo e muita vontade de vencer. Queria instalar em Cuiabá uma empresa telefônica e tanto nela falou que acabou AMARILIO DE ALMEIDA lhe arranjando cinco contos e João Dias com uma força de vontade férrea terminou concretizando o seu sonho. No dia 30 de julho de 1909, era inaugurada a Empresa Telefônica de Cuiabá. De início foram apenas 22 aparelhos instalados na cidade. Não havia catálogo e sim uma lista de assinantes, nela figurando os seguintes: nº. 1 - Almeida & Companhia [escritório], 2 - Palácio do Governo, 3 Estação de Bondes, 4 Gabriel de Mattos [armazem], 5 Hotel Moreira, 6 Tenuta & Irmãos, 7 Pedro Celestino [farmácia], 8 Orlando, Irmãos & Comp., 9 Almeida & Comp. (cervejaria), 10 Domingos Dorsa & Irmãos, 11 Adolfo Brandes (escritório), 12 Orlando & Comp. (armazem), 13 Câmara Municipal, 14 Batalhão de Polícia, 15 Padaria Progresso, 16 Alexandre Addor, 17 Franklin Moura (residência), 18 Henrique Hesslein, 19 Franklin Moura, 20 Tesouro do Estado, 21 dr. Vital Filho, 22 José Affi (armazem). Esses foram os primeiros telefones existentes em Cuiabá.

Mas, JOÃO DIAS não ficou apenas na empresa telefônica. Ele queria fazer mais por Cuiabá e fez. A 26 de julho de 1919, por ocasião do bi-centenário da fundação de Cuiabá ele inaugurava a luz elétrica na cidade.

Do seu idealismo, do seu valor, vamos transcrever o trecho de uma carta que a propósito da atuação de João Dias nos enviou uma das mais brilhantes culturas do Estado, jurista notável, por quem temos grande admiração. Testemunha ocular da história. É uma carta do Senador JOÃO VILASBOAS. Diz o ilustre matogrossense a respeito de JOÃO DIAS: «JOÃO DIAS aplicou todo o seu dinamismo de nordestino inteligente e empreendedor em proveito do conforto e bem estar dos habitantes dessa capital.

«Tendo trazido para aí um daqueles

primitivos fonógrafos, que funcionavam com músicas gravada em cilindros, feitos com cera de carnaúba, cuja audição se fazia, individualmente, através de fones ligados ao aparelho, a novidade atraiu um auditório avantajado de curiosos.

«Não ficou ele, porém, reduzido à frequência cuiabana. Levando consigo o seu aparelho, passou a animar as festas que se realizavam, também, na vilas e povoados vizinhos, recebendo da frequência auditiva duzentos réis por audição individual.

«Dessa arrecadação, todavia, não retirava para si nem um tostão, porque a sua aplicação estava destinada a um empresa altamente beneficiadora da população, que foi a instalação do primeiro serviço telefônico de Cuiabá, o que realizou com inestimável proveito para facilitar as transações comerciais e as relações sociais, políticas e familiares dessa cidade.

«Não parou ele, porém, aí, suas atividades progressistas e benéficas ao povo cuiabano.

«Utilizando-se de um caldeira velha, produziu energia elétrica, com que iluminou residências e estabelecimentos particulares e deu à Santa Casa de Misericórdia a luz, que foi, por largo tempo, aproveitada nas operações cirúrgicas realizadas durante à noite.

«Com a sua larga visão progressista realizou um estudo sobre a retirada de força motriz à produção de eletricidade a ser utilizada, não só como elemento de iluminação, mas também como propulsor de indústrias fabris, por meio de uma barragem do rio Cuiabá na altura de Brotas, precedendo de tamanho espaço de tempo aos técnicos, que vieram a propugnar, ultimamente, pela construção, nesse lugar, da barragem do FUNIL. Reconhecendo, entretanto, que o alto custo de tal empreendimento desaconselhava a sua realização, voltou o seu pensamento para a utilização da queda do Rio da Casca, que, adotada pelo Governo do Estado, é a fonte energética de que se beneficia ainda agora, a capital matogrossense.

«Com essa formidável folha de reais serviços prestados a Cuiabá, João Dias, que aí chegou pobre, pobre viveu e pobre morreu, só colheu da gratidão desse povo, a que tanto beneficiou, ter o seu nome gravado em placa vulgar, nominativa de modesta travessa dessa urbs.

«Não seria essa placa, nem mesmo uma estátua que a Municipalidade lhe fizesse erigir na sua praça mais importante, que o iria galardoar pela grandiosidade do amor que dedicou a essa terra e a sua gente, sem visar vantagens materiais, nem mesmo a recompensa moral da mais comezinha gratidão.»

Ora, todos nós conhecemos a cultura do dr. JOÃO VILASBOAS, o seu pronunciamento em torno de uma pessoa é válido. O dr. VILASBOAS conviveu com JOÃO DIAS, conheceu de perto, portanto a sua opinião a respeito do velho cearense é um ato de justiça.

JOÃO PEDRO DIAS nasceu em Fortaleza, a 15 de junho de 1869 e faleceu em Cuiabá, a 4 de janeiro de 1930, o seu nome é hoje quase esquecido. Aqui vale aquela expressão do meu pai, historiador ESTEVÃO DE MENDONÇA: «Morre para sempre quem morre em Cuiabá».

OTÁVIO CUNHA

Tôda a vez que eu ia visitar o meu amigo poeta Manuel Bandeira, êle, como bom pernambucano, me pedia para dizer êste sonêto.

Em Beié, Otávio Cunha se fez amigo de Humberto de Campos, outro grande escritor e poeta. Foi, no Pará, Promotor de Justiça em Bragança, Vigia e Breves. Com a queda da borracha, embarcou para o Rio de Janeiro, onde conheceu o Senador Generoso Ponce e a convite dêste veio para Mato Grosso.

Aqui viveu 48 anos, constituiu família e exerceu os cargos de Juiz de Direito de Rosário Oeste, Poconé e Cuiabá. Foi chefe de polícia durante o primeiro govêrno do dr. Mário Corrêa da Costa e faleceu nesta Capital, a 15 de Outubro de 1958, como desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado.

Era liberal por formação. Embora espírito combativo, não sabia ter inimigos, a todos perdoava e de tudo se esquecia:

*Há quem a tudo odeie. Eu tenho
[amor a tudo,
ao próximo, que me quer mal, a quem
[me odeia,
ao vagalume, à estrêla, ao mar calmo
[ou sanhudo!
amo o fogo do sol, como a luz da
[cardeial

Pode a árvore se doer—seus galhos
não sacudo...
Amo o pão que Jesus partiu com as
mãos, na Ceia,
e sobrou para o pobre, o cego, o
[surdo, o mudo...
pão do amor, que me sana e cura
a dor alheia!

Conquista e ama a quem já te feriu
sem motivo,
o amor atinge o céu, o ódio do chão
não passa,
Não mates!—teu poder não faz do
morto o vivo—

Não consiste a vingança em matar
o inimigo,
mas em fazer-lhe o bem contra o
mal que te faça,
e em deixá-lo viver para ser teu
[amigo!

Este soneto, A VINGANÇA DO AMOR, retrata bem a alma de Otávio Cunha. Ele era assim, a sua bolsa nunca se fechou para quem o procurasse.

Fazia versos com grande facilidade e muitas vezes perdia até o original.

Os versos de Otávio Cunha são versos parnasianos como os de Bilac, cheio de vibrações e não frios como os de Alberto de Oliveira, embora seja também Alberto um grande poeta. A respeito de Alberto de Oliveira, observou com muito acerto Alfredo Gomes, quando escreveu: «Alberto de Oliveira não tem entusiasmos sentimentais nem paixões eloquentes ou fantasias incendiárias: é quase modelar, à guisa de GUATIER; o objetivismo rigoroso das composições deixa-o fora do quadro que traça: é imparcial quanto possível, cultor exato da arte pela arte». Mas, essa técnica de verso não me agrada. Prefiro Bilac com a sua sinfonia verbal, como também Otávio Cunha a cultuava. Essa vibração lírica constitui a verdadeira poesia, mas com a idade Otávio Cunha foi se transformando. Dos temas líricos passou aos filosóficos e religiosos, se tornou espírita:

«Vi na tua alma o brilho da
[clemência
vi tuas mãos vazadas pelos pregos;
deste-me o dom de crer noutra
[existência!
Tenho inveja demais do teu poder;
erguendo os mortos, dando vista aos
[cegos...
Nada disso, Jesus, posso fazer!»

Dos dois livros de versos que deixou ainda inéditos, FÓLHAS VERDES NO OUTONO e POEMAS, foram quase todos colecionados, pelo autor destas linhas. Com 74 anos de idade, Otávio Cunha possuía uma alma de 20 anos.

Outro soneto maravilhoso é IMAGEM BRANCA. Lírico, perfeito, harmonioso.

«Como se bem te eu visse: a mesma,
[a tua
Imagem branca tão esbranquiçada
Pelo palor suavíssimo da lua...
Baixas à tela que arranquei do Nada.

Já teu encanto límpido flutua
No quadro azul desta paixão sagrada;
— Primavera a vestir a terra nua...
— Não há sem flôres uma só ramada!

De que serve eu ser Deus? Vontade
[e preces
Povoando o Nada?... crendo, crendo,
[crendo
Que te não vais... e tu desapareces!
Que meu consôlo é ver-te, a alma
[não crê:
— Tem-se saudade de quem se está
[vendo...
— Tem-se saudade de quem não se
[vê!

Diante deste soneto, vem-me à mente aquela frase de STEVENS: «A arte é feita para os delicados e passa por cima da cabeça do vulgo; se assim não fôsse, deixaria de ser arte».

Os versos de Otávio Cunha tinham fina sensibilidade artística. Efetivamente, êle foi o nosso maior poeta.

Ele foi sem dúvida o maior poeta de Mato Grosso, embora nascido em Pernambuco.

A dificuldade para se escrever sobre Otávio Cunha constitui em não se saber por onde se deve começar. O poeta era verdadeiramente genial, bastando apenas êste soneto, para lhe fazer o nome mortal.

ESPERANÇA

«Verdes-mares beijando a asa
[branca do sonho
Que vai na rota azul de uma
[enseada bendital...

Os desterros suaviza... Ao cárcere
[medonho
Desce... e alma eleva a Deus para
[a crença infinita]

A Esperança... (É a patena onde o
[afeto deponho)
A êrmo povoa... a dor aplaca... o
[céu limita
É a benção que alivia o martírio
[tristonho...
O lampejo da fé que a Pátria
[ressuscita!...

A água branca que lava a côr
[negra das pragas...
A esmola que abre o céu da
[bemaventurança...
O naufrago a lutar pela vida entre
[as vagas!...

Mansuetude de Cristo—entre
[espinhos e lanças!...
A paciência de Jó—sob o fogo das
[chagas!...
(Ai de nós, meu amor, se não fôsse
a esperança!)

José Veríssimo, escrevendo sobre Olavo Bilac, assim se expressou: «Com muito natáveis qualidades de brilho, colorido, rara força verbal, facilidade e felicidade de expressão, pompa, eloquência, inexcedível mestria técnica, calor, entusiasmo—tôdas, nota-se, qualidades mais brilhantes que tocantes». Para Veríssimo a inspiração de Bilac era limitada a poucos temas poéticos, tratados com virtuosidade, talvez entre nós sem igual, pelo menos nada vulgar, mas sem intensidade de comoção correspondente ao brilho da forma, que a sobreleva sempre. Discordo do ilustre escritor amazonense. A inspiração de Bilac não tinha limites, assim como a de Otávio Cunha. Ele era poeta, nasceu e morreu poeta e grande poeta parnasiano. Sua poesia nos fala à alma. Qualquer produção sua é boa. Além de inspirado poeta era um homem culto e bom. Nasceu em Goiânia, Estado de Pernambuco, a 18 de maio de 1884, após se bacharelar em Ciências Jurídicas e Sociais pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, Otávio Cunha seguiu para Belém, do Pará. Era nos áureos tempos de esplendor da borracha e ao despedir-se do seu Recife, assim

O misterioso

Professor Gardès

Na história de Mato Grosso, um vulto se envolveu em denso mistério. Ele foi o professor JOÃO PEDRO GARDÈS. Nascido em Lausanne, departamento do Haute Loire (França), a 31 de agosto de 1844, chegou a Cuiabá em 1871, com 27 anos de idade.

De sua vida pregressa, na França, apenas se sabe que ele era Bacharel em Letras, tendo estudado em Grenoble, o restante se ignora. Como entrou no Brasil, não consta no Registro de Estrangeiros. Só se sabe que ele chegou a Cuiabá, no dia 27 de julho de 1871.

Um ano antes da sua chegada a Cuiabá, a 1º de setembro de 1870, Napoleão III havia capitulado em Sedan. Teria JOÃO PEDRO GARDÈS sido amigo íntimo de Napoleão III? Ou teria ele sido inimigo e conspirado contra o Imperador francês? Aí está todo o mistério!

GARDÈS, chegando a Cuiabá, diz Cesário Prado, que o conheceu pessoalmente e de quem

foi aluno, "fez-se oleiro, praticante de botica tempos depois, até que, conhecidos seus predicados intelectuais, ingressou no magistério particular e público e vêmo-lo político entre os constituintes republicanos".

Ora, eu não posso admitir que um homem com a cultura de JOÃO PEDRO GARDÊS viesse sepultar-se em Cuiabá em 1871, tão misteriosamente. A ninguém êle revelava o seu passado na terra natal.

Procurei investigar em Lausanne sua identidade, ninguém conhece sua existência. Teria êle mudado de nome?

Por que procurou logo Cuiabá para a sua residência?

Um oleiro, um praticante de botica, um pedreiro, não poderia nunca ter a sua cultura.

JOSÉ DE MESQUITA no ELOGIO FÚNEBRE DO PROFESSOR JOÃO PEDRO GARDÊS, proferido em sessão do INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO a 23 de janeiro de 1927, aceita como documento válido sobre GARDÊS um atestado dotado de 1874, passado pelo Cura de Laudenne sobre o misterioso homem. Nós achamos que JOSÉ DE MESQUITA não quis se aprofundar em suas pesquisas, porque êle tinha capacidade para buscar dados relacionados com a vida progressiva de GARDÊS e era um grande historiador. Ignoro a razão por que o autor das afamadas GENEALOGIAS CUIABANAS não procurou desvendar o mistério.

Ora, GARDÊS foi primeiro residir em Buenos Aires, Capital da República Argentina, onde passou 15 meses e não se sentindo seguro na Capital portenha, transferiu-se para Cuiabá. Cuiabá era naquele tempo o que disse o MARECHAL FLORIANO PEIXOTO: "No fim do mundo tem um rio, depois dêsse rio há um morro e atrás dêsse morro fica Cuiabá". E era assim, o MARECHAL DE FERRO tinha razão. Cuiabá, isolada do mundo, somente sobreviveu em virtude da fibra de seus filhos. É um milagre de brasilidade a sua sobrevivência.

Pois bem, foi Cuiabá que JOÃO PEDRO GARDÊS escolheu para residir.

Esse homem de uma cultura invulgar ascendeu de chacareiro do Dr. Murinho, diz JOSÉ DE MESQUITA, — primeira função que exerceu em Cuiabá — à de oleiro, trabalho que já lhe permitia certa independência no exercitar a sua atividade; fez-se ao depois, ajudante de botica, servindo algum tempo na farmácia de Joaquim Alves Ferreira, como manipulador”. O manipulador de farmácia precisa ter conhecimentos físico-químico e fisiológicos para preparação dos medicamentos, portanto ele era versado em física e química.

Ainda é Cesário Prado quem esclarece: “Essa erudição de GARDÊS não é só pela ciência lívresca, mas estende-se às artes mecânicas, a ofícios manuais, a todos os ramos dos conhecimentos humanos, como consequência de uma enfiatura infatigável ao trabalho. Porisso são inúmeros os cargos quem tem ocupado entre nós com tanta galhardia da sua parte e tanto aproveitamento para os matogrossenses: professor interino das mais diversas matérias de humanidades, catedrático de GREGO, diretor do LICEU CUIABANO, diretor da instrução, diretor da Escola de Aprendizes Artífices, para todos êles só o levou o prestígio do seu nome reputado”.

Além do mais, JOÃO PEDRO GARDÊS era um professor que conhecia pedagogia e bem humorado. Certa vez os alunos do LICEU CUIABANO, quando o LICEU funcionava num prédio antigo, no local onde hoje é o CORREIOS E TELEGRAFOS, amarraram um burro num esteio de madeira que havia no centro da sala de aula, o Prof. GARDÊS ao penetrar na sala viu o burro amarrado. Percebendo o trote de mau gosto, não se aborreceu. Abriu o livro de presença e fez a chamada, lendo calmamente os nomes dos alunos.

Êstes, que observavam de longe o professor, ouviram-no voltar-se para o burro e dizer:

— Vá avisar aos seus colegas que não dou aula só para um, venham todos amanhã.

JOÃO PEDRO GARDÊS foi professor das mais variadas matérias. Além da sua cadeira de GREGO, lecionou francês, latim, matemática, história natural e inglês. Para mim, JOÃO PEDRO GARDÊS devia ter sido na França um homem de grande projeção, resta entretanto saber o que o fez vir para Cuiabá. Aqui sempre se revelou honrado e trabalhador. Educou várias gerações e nem uma rua de Cuiabá tem o seu nome. Faleceu a 3 de abril de 1926, gozando a estima de toda a população.

54

Filosofia do Professor Fernando

Eu conheci o prof. Fernando de Campos quando ele era diretor da Biblioteca Pública do Estado. Nesse tempo a Biblioteca Pública funcionava à rua Antonio João, no prédio onde hoje está a Casa Alexandre.

Iamos todas as noites à Biblioteca, Euricles Mota e eu.

Líamos Álvares de Azevedo. Certa vez, era uma noite sem luz, mas nesse tempo não existia a CEMAT. Era mesmo a Diretoria de Luz e Água. Euricles saiu da Biblioteca comigo, fomos ao Correio e lá ele passou um telegrama à sua namorada, que residia no Rio de Janeiro. O telegrama era a seguinte quadra de Álvares de Azevedo:

"Pálida sombra dos amores santos,
Passa, quando eu morrer, no meu jazigo;
Ajoelha-te ao luar e entoa um canto...
Que lá na morte sonharei contigo".

Líamos nessa época Cruz e Souza, Castro Alves, Fagundes Varela, tudo por indicação de "Seo" Fernando.

Depois o prof. Fernando saiu da Biblioteca, mas nós continuamos a ser seus amigos.

Eu ia sempre visitar o prof. Fernando, nesse tempo ele morava no Beco Quente. Um dia ele me deu um livro que conservo até hoje com carinho: LEITURAS MILITARES, de autoria de Osório Duque-Estrada.

O prof. Fernando era um homem culto, mas muito modesto. Tanto sabia de matemática, como português. Era um filólogo e um filósofo. A sua filosofia era simples. Não foi sem razão que Séneca disse: "Os costumes dos filósofos não estão de harmonia com os seus preceitos; mas se não vivem como ensinam, ensinam como se deve viver".

De uma feita me encontrei com o prof. Fernando e ele me perguntou: "Você vai votar em fulano?". O pai dele era muito amigo do meu pai. Eu lhe respondi: "Prof., eu estou de cima, estou com o governo e governo não perde eleição". "Seo" Fernando me respondeu: "É, vocês estão de cima como morcego, tudo de cabeça para baixo". Eu entrei na igreja da Boa Morte para verificar a situação dos morcegos. Efetivamente, estavam todos dependurados no telhado, mas com a cabeça para baixo. Outra vez, conversávamos à porta da Livraria Santa Terezinha, quando alguém disse que certa pessoa havia feito um grande favor a outra. "Seo" Fernando, na sua filosofia, disse: "Aceitar um favor é vender a liberdade".

Um dia um grupo de políticos estava reunido no varandão da residência do coronel Pedro Celestino, no segundo período Presidencial daquele ilustre matogrossense, quando alguém do grupo, ouvindo falar que havia uma vaga de professor de filosofia do Liceu Cuiabano, disse: "Para esse cargo deveria ser nomeado o professor Fernando de Campos". Nisto entra "seo" Fernando e ao tomar conhecimento do comentário, disse: "Eu sou como essas moças refesteladas, no baile todos os rapazes querem dançar com elas, mas na hora de casar, vão procurar moças que não frequentam bailes!". "Seo" Fernando era uma espécie de Diógenes. Uma vez ele me disse: "Eu

passsei o ano inteiro sem ver nota de hum mil réis".

Era Presidente do Estado o Dr. Mário Corrêa da Costa. Dr. Mário tinha um protegido que ia fazer concurso para professor catedrático da Escola Normal Pedro Celestino. Dr. Mário, quando queria uma coisa, sabia querer. Não admitia que ninguem se lhe opusesse.

Pois bem, o concurso foi realizado. O candidato do Presidente foi aprovado. No dia seguinte, "seo" Fernando encontrou-se com o rapaz, deu-lhe os cumprimentos pela aprovação, mas acrescentou: "Tambem pudera, não sou candidato a chá de loro". A referência ao "chá de loro", era porque o Presidente havia mandado surrar com loro alguns dos seus inimigos políticos.

O professor Fernando Leite de Campos, nasceu no municipio de Livramento, a 19 de julho de 1882, fez o curso primário e secundário em Cuiabá, seguindo depois para o Rio de Janeiro, onde ingressou nas Faculdades de Medicina e Engenharia, não vindo a se formar em nenhuma delas, embora aprovado com honrosa classificação em ambos os vestibulares. Dedicou-se mais tarde ao professorado, uma das suas vocações, fazendo da mesma verdadeiro sacerdotio. Foi professor Catedrático de Matemática no antigo Liceu Cuiabano, hoje Colégio Estadual e na Escola Normal "Pedro Celestino". Lecionou Geografia, Português e Filosofia. Dedicou-se ao estudo do vernáculo, tornando-se um grande filólogo no Brasil, como no dizer do gramático lusitano José Leite de Vasconcelos. Colaborou no jornal A CRUZ, com uma coluna "Nótulas de Linguagem". Foi vereador à Câmara Municipal de Cuiabá. Deram o seu nome ao Ginásio Estadual de Várzea Grande. A modéstia e a sua simplicidade impediram que o seu nome tivesse a repercussão nacional que êle bem merecia.

MAY

No dia 13 do corrente, fui à inauguração do busto da prof^a. Ana Maria do Couto, May.

Ouvi vários discursos, todos enaltecendo a homenageada. Ela merece essas homenagens. Era uma criatura viva e alegre. Onde ela chegava a impressão que a gente tinha é de ter chegado um ciclone que tivesse despojado um roseiral. Irradiava alegria. Era jovial, otimista. Com a sua palavra eloquente animava a todos e todos em torno da sua figura de líder se congregavam. Infundia confiança. Era simples e boa. Amiga de toda a gente, pobre ou rico. De ninguém guardava rancor. Perdoava e esquecia. Olhava a todos com os olhos do amor. Inteligente e culta. Desde 1945 se fez professora de Educação Física, do Colégio Estadual de Mato Grosso, e dedicou a sua vida inteira ao magistério. Foi professora da cadeira de História do Brasil e Diretora do Colégio Estadual. Em 1961 formou-se em Direito, na primeira turma de bacharéis da Faculdade de Direito de Mato Grosso e foi a seguir nomeada Auditora da Justiça da Polícia Militar do Estado. Em 1968 foi designada para responder pela Diretoria da tradicional Escola Normal «Pedro Celestino», cargo do qual se exonerou em 1969.

Eleita vereadora à Câmara Municipal de Cuiabá, soube elevar o nome daquela Casa do Povo e como Presidente da Câmara de Cuiabá recebeu em nome do povo cuiabano o marechal Costa e Silva, candidato à Presidência da República, pronunciando uma brilhante saudação ao futuro Chefe da Nação.

Incapaz de fazer mal a quem quer que seja, servia a todos como e com o que podia.

Era de fácil entusiasmo. Dou aqui o meu depoimento pessoal: Quando eu encontrava dificuldade na solução de um problema, recorria a MAY e ela com a maior boa vontade vinha ao meu auxílio. Tinha o espírito de aventura e porisso a qualidade de lider. Ninguem mais que ela trabalhou para que fosse erigido em Cuiabá o monumento do Bandeirante, obra realizada pelo dinâmico ex-prefeito dr. Frederico Carlos Soares Campos. Quando o dr. Frederico achou dificuldade em solucionar o assunto, MAY foi ao Rio de Janeiro, por conta própria, conversar pessoalmente com o escultor, Desembargador Deocleciano Martins de Oliveira, no sentido de dar urgência à confecção do monumento ao fundador de Cuiabá, Pascoal Moreira Cabral Leme.

Não havia campanha civica em que ela não se empenhasse com todo o entusiasmo.

Era uma criatura essencialmente humana. A ela bem cabe estes versos de Antero do Quental, soneto notável, uma jóia da língua portuguesa:

«Na mão de Deus, na sua mão direita,
 Descansou afinal meu coração.
 Do palácio encantado da Ilusão
 Desci a passo a passo a escada
 [estreita.

Como as flores mortais, com que se
 [enfeita
 A ignorância infantil, despojo vão,
 Depois do Ideal e da paixão
 A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,
 Que a mãe leva ao colo agasalhada
 E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
 Dorme o teu sono, coração liberto,
 Dorme na mão de Deus eternamente!»

Não sei se é fundada ou não essa sentença, apenas a acho muito desumana para quem como MAY tinha a alegria de viver. «Quem morre cedo é querido dos Deuses». Só assim aceitamos este desígnio dos céus.

Porque para os seus amigos ela não morreu. Ela vive na nossa lembrança, em nossos corações, nas nossas afeições e por isso poderemos dizer como o poeta:

«Nem sempre se vai de todo
Quem fica numa saudade.»

A homenagem à memória de MAY foi justa. Ela bem merece, porque ela dava a vida por sua terra. Ela era a própria vida da cidade que lhe serviu de berço — Cuiabá.

PRIMEIRO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO MONSENHOR ALEXANDRE TREBAURE

RUBENS DE MENDONÇA

Esta nessa coluna tem por objetivo principal divulgar homens, livros e coisas mate-grossenses.

Nesse lema é aquele do saudeo Marechal CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON: - "Servir ao Brasil, porém dentro de Mate Grosse."

Assim fiel a nessa programação e indiferente aos críticos da esquina de Bar do Bugre, era Bugre já fechou e Bar, mas a esquina continua a ser de Bar do Bugre. Piti grilli tinha razão: É mais fácil a gente mudar de religião de que de Bar."

Mas, nós continuamos nesse programa. E perisse vamos falar sobre uma figura simpática do clero em Cuiabá. Monsenhor ALEXANDRE TREBAURE.

Em minha memória e vejo tal como o conheci. Velho, magre, sempre alegre e satisfeito. Nunca reclamava de nada. Era padrinho de toda a gente. Tratava com o mesmo carinho ricos e pobres. Era uma alma pura. Dessas de que fala GUERRA JUNQUEIRO:

"Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura inocente e a bondade cristã,
Come num céu de abril e arco da aliança,
Come num lago azul a estrela da manhã;
Vases doire centendo aberte um lírio sante,
Um lírio inerradoiro, um lírio abalastrine,
Que os anjos de Senhor vem ervalhar com prante,
E a piedade flerir com seu clarão divine;
Almas que atravessais o lóde da existência,
Este lóde perverse, inique, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da inocência,
Calcando sob os pés o dragão do pecado."

Padre TREBAURE era uma alma assim. Boa e simples.

Certa vez Padre TREBAURE ganhou de presente um corte de pano para fazer uma batinha nova. No mesmo dia apareceu-lhe um afilhado que o foi convidar para sua formatura no antigo LICEU CUIABANO. Padre TREBAURE agradeceu o convite e perguntou ao afilhado- você tem roupa para a festa? O rapaz respondeu-lhe que ele não iria a festa, somente à missa. Padre TREBAURE abre sua guarda roupa pobre, tira o corte de tecido e presenteia o afilhado.

Era professor particular de francês, dava aulas e gestava de ensinar a qualquer aluno, nunca disse recebeu um centavo.

Foi Secretário Particular do Arcebispo Dom CARLOS LUIS D'AMOUR. Sua promoção a Monsenhor li-a no jornal "A CRUZ" de 20 de abril de 1919. A notícia era simplesmente esta: "Sua Santidade o Papa BENTO XV querendo distinguir o Reverendo Cônego ALEXANDRE TREBAURE, Secretário Particular de Excmo. Revemo. Cendo Dom CARLOS LUIS D'AMOUR, Arcebispo Metropolitano de Cuiabá dignou-se de benignamente nomear-lo Monsenhor Camareiro Secreto Suprenumerário."

Essa, creio foi a última distinção conferida a Padre TREBAURE.

Quando eu o conheci ele já era vigário da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte.

Fui seu aluno e amigo. Muito o estimava. Ele era convicto da sua fé religiosa, chegando mesmo a acreditar na existência do Inferno.

Padre TREBAURE nasceu na Bretanha, França, aos 8 dias do mês de dezembro de 1870, nasceu precisamente no dia de Nossa Senhora da Conceição, dia da Justiça e faleceu nesta Capital, a 9 de dezembro de 1939.

Desde o início de ano ele andava preocupado com a segunda Guerra Mundial. Temia a derrota da França.

Padre TREBAURE era emule de Frei MACERATA, ou de SÃO FRANCISCO DE ASSIS era capaz de beijar um leproso. Era uma criatura humilde, mas de humildade sincera. Um verdadeiro Pastor das almas, um santo.

A sua morte foi muito sentida por toda a população cuiabana. Seu corpo ficou exposto na Igreja da Boa Morte, em câmara ardente. A noite mantinha-se ainda a Igreja repleta de fiéis e mal divisava o caixão mortuário, tão grande a quantidade de flores depositada em torno.

Às 7 horas, do dia 30, foram celebradas solenes exéquias com a presença de Arcebispo Dom AQUINO CORREA, Bispos e prelados sufragâneos, que na ocasião se encontravam em Cuiabá.

O enterro, se realizou logo após a solene missa de corpo presente, saindo o cortejo da Igreja da Boa Morte para a necrópole de Nossa Senhora da Piedade.

Faleceu aos 70 anos de idade.

Dia 8 de dezembro vindouro será o primeiro Centenário de seu nascimento.

31 anos após o seu falecimento o seu nome está quase esquecido. "O QUAM CITO TRANST GLORIA MUNDI! Hoje pouquíssimas pessoas ainda lembram do Padre TREBAURE. Meu Pai, historiador ESTEVÃO DE MENDONÇA teve razão quando escreveu: "MORRE PARA SEMPRE UEM MORRE EM CUIABÁ".

O LOUCO E O

PRESIDENTE

É uma figura pouco conhecida na literatura mato-grossense Luís Terêncio de Figueiredo. Nascido em Cuiabá, a 2 de novembro de 1889. Nasceu num dia de finados, deveria ser triste. Foi professor quando ainda era moço e cheio de vida. De repente perde o controle mental. Ninguém soube a exata causa desse enlouquecimento. Quando houve o alarme, Luís Terêncio já estava louco. Foi para o Rio de Janeiro tratar da saúde. Era tarde. Não teve jeito. Foi internado num hospital de alienados onde faleceu em 1947.

A sua figura é uma figura estranha. Nos momentos de lucidez escrevia cartas ao Presidente Wilson Thomas Woodrow propondo a criação de uma sociedade para manter a paz mundial. Suas cartas datavam de 1918, anteriores ao aparecimento da Liga das Nações, que foi fundada a 28 de abril de 1919. Liga das Nações, todo o mundo sabe o que era. Consistia, segundo R. Haddock Lobo, em um pacto assinado pelos representantes das nações vencedoras da primeira guerra mundial, destinado a servir de regulamento permanente para a manutenção da paz, conformé declarações do seu idealizador, o Presidente Wilson.

Essa louvável tentativa teria a inspiração do poeta cuiabano? Não sabemos, apenas podemos afirmar que Luís Terêncio escrevia cartas ao Presidente Wilson propondo a criação de uma sociedade assim.

Segundo fui informado por parentes de Luís Terêncio, o Presidente americano respondia a suas cartas. Que diria nelas Luís Terêncio? Qual argumento apresentaria ele ao grande estadista? Seriam lógicos? Teriam idéias extravagantes, insensatas ou lúcidas, coerentes, com raciocínio encadeado? Isso não sabemos.

O que eu sei é que ele se correspondia com o Presidente Wilson.

Como poeta Luis Terêncio publicou na imprensa de Cuiabá pouca coisa. Dos dois sonetos da sua lavra que conheço, nenhum me agrada. São fracos. O poeta deixou pouca produção. Eu apenas conheço dois sonetos sobre a IMPRENSA e este outro, TALISMÃ, que também não é grande coisa, tem alguns versos bons e outros fracos:

“O pálido Romeu jura vingança
Tomar por sua raça nobre e pura.

Ferve-lhe o sangue. Eis, senão quan-
[do a lança
Depõe desanimado e quebra a jura.

Por causa de Julieta que o amansa
E escraviza com rara formosura;
De esposá-la, mais tarde, na espe-
[rança
Dos inimigos a afeição procura.

Como é forte a fraqueza feminina!
Pois, sobretudo, em lágrimas consis-
[te,
E o coração mais duro ela dominal

A esse fraco poder nada resiste!
Tinha Julieta - encarnação divina
Nos seus olhos azuis um mar tão
[triste...”

É um soneto medíocre, mas para a época estava bom. A idéia “como é forte a fraqueza feminina! Pois, sobretudo, em lágrimas consiste” é velha e não é original, mas é verdadeira.

O outro soneto também é medíocre:

“Tenho por tudo quanto é grande,
[tudo quanto
traz consigo do gênio a irradiação
[fremente,
Um entusiasmo estranho e eis aí
[porque tanto
eu te consagro, Imprensa, êste amor
[inconsciente.

Es poderoso como a luz, em qual-
 [quer canto
 do globo vais entrando irresistível-
 [mente
 e aos poucos esgarçando o nebuloso
 [manto

da incerteza que envolve a tudo e
 [a nossa mente.

Eu te saúdo augusta Imprensa, ex-
 [celsa glória
 fulgurante da grande inteligência
 [humana,
 que a Gutemberg deu franca entra-
 [da na história.

Salve! divino sol deslumbrante da
 [ciência,
 perene manancial donde ardente di-
 [mana
 a luz que nos dirige através da
 existêncial..."

Para um louco os versos estão bons.
 ERASMO DE ROTTERDAM escreveu no
 ELOGIO DA LOUCURA: "Voltando, pois,
 à felicidade dos loucos, devo dizer que
 eles levam uma vida muito divertida e
 depois, sem temer nem sentir a morte,
 voam direitinho para os Campos Elísios,
 onde as suas piedosas e fatigadas alma-
 zinhas continuam a divertir-se ainda me-
 lhor do que antes".

Nos momentos de lucidez Luís Te-
 rêncio ainda escrevia poesias. A loucura,
 diz WILLIAM J. FIELDING no seu livro
 "THE CAUSE AND NATURE OF GE-
 NIUNS": "Numerosos casos foram obser-
 vados comprovando a íntima associação
 entre a genialidade e a loucura, ou aber-
 rações mentais de certa gravidade. Di-
 zem, mesmo, que todos os gênios estão

sujeitos a peculiaridade e a impulsos, mas a loucura não é índice de genialidade, podendo acometer pessoas de mediana inteligência." Luís Terêncio não era nem uma coisa, nem outra. Não era gênio, mas também não era uma mediana inteligência.

O certo é que ele escrevia ao Presidente da grande nação americana propondo a criação de uma sociedade para manter a paz universal.

Isso ele devia fazer no momento de lucidez, porque o Presidente Wilson respondia as suas cartas, se aceitou o seu conselho não sabemos, mas a 28 de abril de 1919 foi instalada a Liga das Nações.

Do louco ao gênio a distância é pouca.

Dr. Agrícola Paes de Barros

Os léxicos definem o vocábulo SANTO, como homem de bondade extraordinária.

AGRICOLA PAES DE BARROS era assim. Médico humanitário fez das palavras de ALAN KARDEC o seu lema: "Fora da caridade não há salvação".

Certa vez, eu conversava com ele quando se aproximou uma velhinha humilde e lhe perguntou: Dr. quando o Senhor atende aos pobres?

Ele respondeu na sua simplicidade: na hora que precisarem de mim! Bastava bater-lhe a porta que ele atendia a qualquer chamado. Não tinha hora, nem para comer. Atendia a quem quer que fosse. Nunca procurou saber se o cliente era rico ou pobre. Atendia a todos com o mesmo carinho e quando o cliente não tinha recursos, além da receita dava o remédio. Viveu e morreu feliz. Soube comprimir os preceitos do Sermão Profético de JESUS: "E quando o Filho vier em sua glória, todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, destes-me de comer; tive sede, e deste-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, vestistes-me; adoeci e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes".

Esse era o princípio da sua filosofia.

Eu era cliente do Dr. Agrícola. Certa vez entrei em seu consultório e disse-lhe: estou sentindo umas perturbações no fígado, vou tomar uma Necroton e depois e depois Eparema. Ele estava sentado à mesa, tirou a caneta e começou a escrever. Perguntei-lhe o que voce está escrevendo? Ele

respondeu: voce já fez o diagnóstico, receitou, agora quero saber qual a prescrição médica.

De outra feita eu conversava com ele sobre trabalho. Então ele me disse: profissão trabalhosa é a do médico. Médico não tem descanso. Trabalha sem horário e além disso depois que morre ainda continua trabalhando, vem a receita no espiritismo.

Ele além de médico humanitário — o principal característico da sua vida, foi jornalista era, político e poeta.

Como jornalista era combativo. Como político cometia erros: pensava em voz alta. O que ele não achava correto, protestava, feria quem ferisse, doesse a quem doesse. Era honesto e sincero, dizia as coisas francamente.

Como poeta, deixou várias poesias, algumas satíricas.

Para dar um amostra do poeta, vamos transcrever esta:

DEUS

Quem foi este operário genial
Que fez de um simples arco
braquial

Um utilíssimo órgão secretor
De relevante e colossal valor?
Quem tirou do canal da digestão

A parte com que fez todo o
pulmão? . . .

E o fígado, tão grande e complicado

Que de um pequeno tubo foi
tirado;

Qual o operário de arte, que
modula

Uma delicadíssima medula,

Tomando uma goteira do tec-
ido

Cutâneo, simples friso entume-
cido?

Quem da medula a ponta di-
latou

E o cerebelo e o cérebro for-
mou?

Quem desta parte fez a proje-
ção

E fabricou o órgão da visão?

Esse grande operário, amigos
meus,

É o fabricante do Universo —
É DEUS!

Como se vê, ele era um poe-
ta profundamente cristão. Sen-
tia como Victor Hugo a exis-
tência de Deus: "Pitágoras, E-
picuro, Sócrates, Platão, são
fachos; JESUS CRISTO é o
dia".

Na segunda edição do livro
de meu Pai, historiador ESTE-
VÃO DE MENDONÇA — "DA-
TAS MATO-GROSSENSES",
assim registrei a sua biogra-
fia:

— 9 de maio de 1969 — Fa-
leceu nesta Capital, o Dr. Agrí-
cola Paes de Barros. Nascido
em Cuiabá, a 4 de novembro
de 1897. Dentista e médico,
formado pela Faculdade de
Medicina da Universidade do
Rio de Janeiro.

Exerceu os cargos de: Diretor de Saúde Pública do Estado e médico legista. Foi Vereador à Câmara Municipal de Cuiabá. Deputado Estadual, constituinte de 1935 e Deputado Federal, constituinte de 1946.

Jornalista. Fundou os jornais "A LUZ", "O FIFO", "A PLEBE" e o "BRASIL OESTE". Seu falecimento consternou toda a sociedade cuiabana, deixando, triste, uma população que via no Dr. Agrícola, disse o jornal "FOLHA MATOGROSSENSE", "o médico devotado, sobretudo humano, a quem Cuiabá terá sempre na lembrança, porque exerceu a medicina como um sacerdócio, dando muito de si em benefício do próximo. E com grandeza de alma, era o médico que além da receita, ainda pagava o medicamento para os desafortunados da sorte, isto num amor à profissão, em 48 anos de sacerdócio".

A ele se ajusta bem esta frase de Coelho Neto: "Se o gênio é uma grandeza, a bondade é uma excelência e o homem mais digno é aquele que mais se preocupa com o bem geral, procurando, com a força do seu espírito, corrigir os males e minorar o sofrimento dos infelizes".

Este penso eu, é o maior elogio que se lhe possa fazer. Ele com a força do seu espírito minorava o sofrimento dos infelizes.

João Villasboas

Eu considero o Dr. JOÃO VILASBOAS uma das mais brilhantes culturas de Mato Grosso. Emérito jurista, brilhante jornalista, notável parlamentar VILASBOAS é um homem que se impôs no cenário político nacional. Certa vez disse em uma carta que dirigiu ao meu saudoso amigo Senador FILINTO MÜLLER que eu não compreendia uma representação de Mato Grosso no Senado Federal sem nela figurarem, FILINTO MULLER e JOAO VILASBOAS.

Bacharel em Direito, chegou formado em Culabá, em 1915, começou a trabalhar na advocacia tornando-se um notável causídico.

Deputado Estadual em 1918, foi oposição ao governo do Presidente DOM AQUINO CORREA.

Revolucionário de 1924, constituía sério perigo a legalidade, o que levou o General JOÃO NEPOMUCENO DA COSTA a frisar no seu "RELATÓRIO" apresentado ao Ministro da Guerra a transcrever telegrama do Comandante da Flotilha de Ladário do seguinte teor: "Situação Corumbá instável. O deputado Villasboas faz conferências sediciosas concorridas por militares e civis. Pedi chamada reservista Marinha".

E comentava o General NEPOMUCENO: "Assumi ali (Corumbá) a chefia da propaganda a favor da revolta, o ex-deputado estadual JOÃO VILASBOAS, secundado por um estrangeiro chamado ANGELO TORRES, proprietário do jornal "A TRIBUNA" e por CLARIMUNDO DOS SANTOS, redator principal desse jornal".

O General NEPOMUCENO era então o Comandante da Circunscrição Militar de Mato Grosso.

O Estado estava minado por revolucionários, ainda do seu "RELATÓRIO" consta o seguinte: "Ciente ainda, pelo meu serviço de informações, de que além das conferências de VILASBOAS, aqueles indivíduos inventavam e publicavam em seu jornal notícias men

tirosas favoráveis aos revoltosos, telegrafei ao Delegado de Polícia de Corumbá, extranhando que este nada me comunicasse e determinando a prisão desses conspiradores, com ordem de fazê-los seguir incomunicáveis para o FORTE DE COIMBRA.

O Delegado, em vez de cumprir a minha ordem, veio com uma resposta aleatória, enquanto aqueles indivíduos, provavelmente avisados, fugiram para a Bolívia. Comuniquei este fato ao sr. Presidente do Estado, o qual demitiu a autoridade negligente.

Em Aquidauana a propaganda sediciosa era chefiada pelo indivíduo LUIZ DA COSTA RIBEIRO, diretor e proprietário do jornal "TRIBUNA DO POVO", órgão dos partidários da antiga "REACÇÃO REPUBLICANA", onde vinha de há muito fazendo violenta campanha contra o atual Governo. Era LUIZ DA COSTA GOMES auxiliado nessa criminosa propaganda por JOÃO TESSITORE JUNIOR, diretor do Grupo Escolar de Aquidauana e secretário daquele jornal, e ainda por um estrangeiro chamado HENRIQUE CAVALI. Estes indivíduos, mais audaciosos ainda que os de Corumbá, além da propaganda a favor dos revoltosos, ainda imprimiam na tipografia daquele jornal e distribuíam boletins alarmantes e francamente sediciosos. Esta propaganda, insistentemente feita, ia criando prosélitos, entre os quais JOÃO ABBOTT FILHO, que interrogado pelo Comandante da Companhia do 6º Batalhão de Engenharia, confessou ser partidário da revolta, pelo que foi preso também.

Presos por minha ordem esses conspiradores de Aquidauana, mandei recolhê-los ao FORTE DE

COIMBRA. O sr. Presidente do Estado, a quem comuniquei estes fatos, exonerou JOÃO TESSITORE JUNIOR do cargo que ocupava.

Em Tres Lagoas, ainda depois da chegada ali das primeiras forças enviadas para ocupar a cidade e o porto do rio Paraná, o estrangeiro ELMANO SOARES, diretor proprietário do jornal "GAZETA DO COMÉRCIO", continuou divulgando boatos alarmantes e ainda aumentou a violência dos seus artigos contra o Governo da República, e a propaganda que já vinha fazendo a favor dos revoltosos. Mandei prendê-lo igualmente dando-lhe o mesmo destino que aos masorqueiros de Aquidauana".

Em 1932, na revolução constitucionista de São Paulo,, vemos novamente VILASBOAS, nela envolvido. Foi preso em Corumbá quando pretendia fazer a ligação entre os revolucionários do Sul do Estado com os do Norte.

VILASBOAS é um homem de vida agitada. Foi Deputado Federal e Senador da República, desde 1935 até 1937, quando o Golpe de Estado de 10 de novembro daquele ano, fechou o Congresso Nacional.

Com o retorno ao país ao regime constitucional se elegeu Sena-

dor da República pela UNIAO DEMOCRÁTICA NACIONAL mandato que exerceu até 1962.

Afastado da política voltou a sua banca de advocacia, onde é um dos maiores Advogados do Brasil. Autor do livro "HIPOTECA NAVAL", único existente no assunto, no Brasil, VILASBOAS não é somente aquele homem de que nos fala ALL RICHT que bri-

lhava no Senado Federal "com o seu monóculo impecável, roupas caprichadas, sapatos feitos de encomenda, cabeça lisa sem um cabelo, tez morena, devia ser figura obrigatória na CÂMARA ALTA, onde tem assento desde o começo de funcionamento do regime instituído pela Carta de 1946. Antes mesmo, já exercera esse mandato, quando esteve em vigor a Constituição de 1934.

De forma que é um elemento tradicional, e que tem militado sempre em oposição".

Essa é uma das facetas do homem. Agora vejamos o poeta. Vante de fina sensibilidade. Seus versos são elegantes como os do CONDE DE MONSARAZ, (MACEDO PAPANÇA).

Bem andou a ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS o escolhendo para ocupar uma das suas Cadeiras. É de verdadeira perfeição este soneto:

ÚLTIMA ILUSÃO

Por que vieste ao declinar do dia,
animar meu viver de solitário?
quando meu peito é cofre mortuário,
guardando um coração em agonia...

Teu sorriso é cantar de cotovia,
na alvorada de um sol incendiário.
O meu riso é tanger de campanário,
anunciando o chegar da noite
fria..

Que importa seja eu velho e sejas
moça?...
Sofro, embora te ver desiludida,
que um cântico de amor ainda eu
ouça!...

48

Felicidade! ... és filha da quime-
ra!...
e, na tarde outonal de minha
vida,
dás-me alegres manhãs de prima-
vera!...

Como parlamentar, aqui regis-
tramos o conceito do Senador
JOAQUIM PIRES: "VILASBOAS é
um parlamentar que honraria o
mais notável parlamento do mun-
do".

Ranulfo Paes de Barros

Eu escrevi certa vez que não sabia ao certo, se eu torço para o Mixto, por ser mixtense, ou por ser RANULFO.

RANULFO no esporte foi uma espécie de DESEMBARGADOR JOSÉ DE MESQUITA para a cultura matogrossense. Quer queiram, quer não, se não fosse JOSÉ DE MESQUITA, seu entusiasmo, seu idealismo, não teríamos a Academia Matogrossense de Letras. Assim também, se não fosse RANULFO PAES DE BARROS não teríamos esporte, principalmente futebol.

Quando em 1910, o Coronel PEDRO CELESTINO CORREA DA COSTA, então Presidente do Estado, contratou para a reforma do ensino em Mato Grosso, professores paulistas, teve início em Cuiabá, o esporte bretão.

Deve-se a LEOVIGILDO MARTINS DE MELO, GUSTAVO KULMAN e CARLOS BRAND a introdução do futebol, nesta cidade. Os primeiros clubes que apareceram na Capital Matogrossense, se chamavam CUIABA e INTERNACIONAL. O primeiro fundado por LEOVIGILDO DE MELO e CARLOS BRAND, cujo uniforme era calção branco e camisa preta e branca.

O INTERNACIONAL, fundado no 2º Distrito, por GUSTAVO KULMAN que era Diretor do GRUPO ESCOLAR do Porto, usava camisa alvi-rubra. Seus principais jogadores, eram KULMAN, VITELBO, ORMINDO NOGUEIRA e ARISTIDES PRADO.

O CUIABA FUTEBOL CLUBE, foi o primeiro campeão cuiabano de futebol ao disputar em fins de 1913 e começo de 1914, uma partida melhor de três, com o INTERNACIONAL, vencendo-o a recebendo como prêmio, artísticas medalhas de ouro, mandadas cunhar por um tal TEIXEIRA. Os campeões receberam suas medalhas no dia 21 de janeiro de 1914, cujos versos tinham esta inscrição:

"CAMPEONATO TEIXEIRA — AO VENCEDOR — 21-01-1914".

O Time do CUIABA era assim constituído: CARLOS BRAND, DANGLARS CANAVARROS e AMARO LOPES; ARISTIDES DE FIGUEIREDO, MARIO ESTEVES e JOAO PALMA PEREIRA LEITE; ALCINDO SIQUEIRA, CHOENKI, MISTER JONES, JOSE DE SOUZA VIEIRA e FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES, Prof. FRANCISCO MENDES, a quem devo estas informações.

Com o desaparecimento do INTERNACIONAL, surgiu o GUARANI FUTEBOL CLUBE. Em seguida, fundaram-se dois clubes que se tornaram famosos: TUPI e TIRADENTES.

TUPI, foi fundado e dirigido pelo Contador JOSÉ ANIBAL BOURET FILHO e AMARILIO JOSÉ DE BRITO. Eu vou escrever um artigo sobre ZELITO BOURET, nem que ele se zangue comigo: "UM PLAYBOY do passado".

Mas minha intenção neste artigo não é fazer a história do esporte cuiabano, mas sim falar sobre RANULFO PAES DE BARROS e para falar sobre RANULFO tem que se falar sobre o MIXTO.

Em 1934, apareceu no cenário esportivo cuiabano, o COMERCIO ESPORTE CLUBE, fundado pelo Farmacêutico MANOEL SOARES DE CAMPOS, o meu amigo CAMPOS fundou o COMERCIO e quase se a ainda comercialmente com ele. Nesse mesmo ano é fundado por D. ZULMIRA CANAVARROS, Srta. NALY HUGUENEY DE SI-

QUEIRA e outros o MIXTO. Com uma desavença havida na Liga Esportiva, o futebol quase desapareceu. Foi aí então que apareceu a figura de RANULFO PAES DE BARROS que deu o melhor de seus esforços para o soerguimento do futebol cuiabano.

Ninguém acreditava mais no futebol, em Cuiabá. RANULFO tanto fez, tanto insistiu que conseguiu reerguê-lo num esforço "mais do que permitia a força humana"

Professor de Português do Colégio Estadual, RANULFO exerceu várias funções públicas com grande capacidade. Diretor da Imprensa Oficial, por duas vezes, Vereador e Presidente da Câmara dos Vereadores da Capital do Estado, Jornalista, dirigiu por muito tempo o jornal "O ESTADO DE MATO GROSSO", órgão da imprensa matogrossense fundado por ARQUIMEDES PEREIRA LIMA. Foi Redator do jornal "SOCIAL DEMOCRATA" e fundou e dirigiu com EMANUEL RIBEIRO DAUBIAN o jornal "FOLHA MATOGROSSENSE".

RANULFO é a personificação da bondade. Incapaz de ofender a quem quer que seja. Bom Amigo, alegre, brincalhão. A ele deve o MIXTO a sua sede. Com a sua dedicação fez construir com os maiores sacrifícios esse prédio da Avenida Getúlio Vargas que é a sede do MIXTO ESPORTE CLUBE.

RANULFO não trabalhou apenas para o MIXTO seu CLUBE, dedicou a vida toda ao Esporte do Estado. Dentro da sua modéstia, considera-se satisfeito com o que realizou. Ele me faz recordar uma frase de BAYARD: "São as nossas ações que devem falar de nós; é

mais belo merecer recompensas sem recebê-las do que recebê-las sem 'ser digno delas" e RANULFO é digno do nosso reconhecimento.

Como politico RANULFO pertenceu ao ex-P.S.D. Ardoroso, lutava pela vitória do seu partido, e uma vez ganhas as eleições, êle não tinha e não via adversários. Era o mesmo homem, amigo de todos.

Diretor da Imprensa Oficial, nunca, nem de leve, humilhava seus subordinados. Tratava a todos iguamente. Tinha satisfação em servir, em ser útil, em prestar favores.

Não sei se já cogitaram disso, mas se eu fosse o Governador JOSÉ FRAGELLI, daria a esse magnifico ESTADIO que se está construindo nesta Capital, o VERDAO — o nome de PROF. RANULFO PAES DE BARROS. Seria um ato de justiça ao educador e ao desportista.

ULISSES CUIABANO

Justa é a homenagem que a Secretaria de Educação e Cultura presta hoje a ULISSES CUIABANO dando o seu nome a um colégio. ULISSES foi em toda a sua vida um educador dedicado. Viveu e morreu pobre.

Por sua inteligência brilhante, teria ele, se abraçasse outra profissão, certamente vencido.

Nasceu ULISSES CUIABANO, nesta Capital, a 4 de agosto de 1891 e faleceu a 3 de janeiro de 1951. Bacharel em ciências e letras, foi contador, jornalista e poeta, mas acima disso tudo foi um emérito educador da juventude Mato-grossense. Membro do Instituto Histórico de Mato Grosso, da Associação de Imprensa Mato-Grossense, membro fundador da Sociedade Mato-Grossense de Folclore, da Casa Humberto de Campos, de Carolina, Maranhão, da Sociedade de Intercâmbio Cultural e de várias outras associações literárias do país e do estrangeiro. Exerceu os cargos de professor do Liceu Cuiabano e da Escola Normal "Pedro Celestino". Foi membro da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho e faleceu no exercício de Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso. Deixou um livro de inédito "GRUPIARAS" e vários capítulos de um estudo sobre o folclore mato-grossense. Publicou apenas seu discurso de recepção, pronunciado na Academia Mato-Grossense de Letras, por ocasião da posse do acadêmico Rubens de Mendonça. Colaborou nos seguintes jornais e revistas: "Correio do Estado", "A Reação", "A Cruz", "O Neófito", "O Estado de Mato Grosso", nas revistas: "A Violeta", "Pindorama", "Revista da Academia Mato-Grossense de Letras", "Anuário do Deste Brasileiro". Era membro da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando na Casa Barão de Melgaço a Cadeira nº 18, da qual é patrono Antônio Augusto Ramiro de Carvalho.

Não me leva a vaidade a transcrição deste soneto, em que o amigo, companheiro e Mestre saudou o aparecimento do meu livro de versos "CASCAINHOS DA ILUSÃO". Não se

trata como já disse de vaidade, mas sim de efetividade. Com estes versos maravilhosos, que muito me envaideceram no momento em que foram publicados, um amigo saudava o aparecimento do livro de outro amigo. São do Mestre Ulisses estes versos:

GARIMPEIRO DAS RIMAS

Ao poeta RUBENS DE MENDONÇA

Nos golfos, nos monchões, nas brutas grupiadas
 Dos ínvios charrescais misteriosos da vida,
 Garimpeiro viril rebusca em dura lida,
 Esmeralda e rubim, topázio e gemas caras.

Ei-lo, audaz, a descer nos peraus onde Uiaras
 Lhe oferecem, cantando uma canção dorida,
 O seio palpitante, alorosa guarida
 De gozos sensuais, de volúpias tão raras.

Depois, à flor da Ninfa, o mineiro aparece,
 Trazendo o rebo, e então, a bateia balança
 No desejo de achar a pedra que apetece.

Poeta, como o audaz mergulhador, risinho,
 CASCALHOS DA ILUSÃO a lavar com pujança
 Lindos versos trazeis dos GARIMPOS DO SONHO.

Este soneto, escreveu ULISSES em 1944.

Como já disse no início desta homenagem ULISSES morreu pobre. E outra coisa não se podia esperar que dedicou a vida inteira à sacrificada profissão de professor. Ela exige abnegação, resignação e sacrifícios. Desde que o mundo é mundo, o educador vive uma vida sacrificada. Ele é o martir da instrução e entretanto a ele se deve a grandeza da Pátria.

O homem deve em toda a sua vida, tudo ao obscuro professor, sobretudo, ao professor primário, herói anônimo. O grande cientista, o sábio, o intelectual, o grande, o

Chefe de Estado, deve a sua posição àquele modesto professor, àquele que lhe pôs nas mãos a cartilha do A.B.C. Foi ele, o professor humilde quem abriu ao homem genial o caminho na vida. Ele foi o primeiro degrau da escada da ascensão dos gênios da humanidade: Curie, Santos Dumont, Marconi, Pasteur, Fleming devem suas glórias ao professor, ao mestre do A.B.C.

Justa é a homenagem que a Secretaria de Educação e Cultura presta hoje a ULISSES CUIABANO. Ele foi o educador dedicado.

Bem andou o ilustre cuiabano Marechal Eurico Gaspar Dutra consagrando pela Lei nº 174, de 13 de outubro de 1948, o dia 15 de outubro, como o DIA DO PROFESSOR. O professor tem como patrono Santa Tereza de Ávila, doutora da Igreja que deveria ser uma grande sofredora para poder patronizar uma classe como esta.

Foram de Rui Barbosa estas palavras. No seu Credo Político, dizia o grande tribuno: "Creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituirão sempre o mais produtivo emprego da riqueza pública."

O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, declarou certa vez:

" - Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre, que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro".

O Patrono desta Escola, ULISSES CUIABANO, foi contador, jornalista e poeta, mas acima disso foi o emérito educador da juventude mato-grossense.

Lima Avelino

Eu conheci o Dr. Lima Avelino na casa do meu Amigo Senador João Vilasboas. Enquanto toda a gente o chamava de Lima Avelino, Vilasboas o chamava de José.

Era uma alma boa. Fui seu vizinho por muitos anos. Ele residia na casa onde hoje está a OLIVETTI. Quando Papai ficou doente o Dr. Lima Avelino o visitava todas as manhãs. Mas dele mais me aproximei quando eu trabalhava na Delegacia Fiscal e era Delegado o meu saudoso amigo Dr. Helio Savio Pessoa de Melo. Quando Dr. Helio chegou à Cuiabá eu não fui com a cara dele. Ele falava alto e depressa, de um modo imperativo. Depois que vim a perceber, ele era gago e para não gaguejar ele tinha de falar assim. Era uma boa alma. Fumava cacumbo e gostava de flores. Dr. Lima Avelino também gostava muito de flores. Tinha em sua residência um bonito jardim.

Quando foi criada a SPVEA, em Cuiabá, por indicação do meu Amigo Dr. Jaime de Vasconcelos eu fui nomeado Chefe da Divisão, mas ao passar pelo Rio, o Dr. Cesar Reis foi forçado, por injunção política a nomear outro em meu lugar. Dr. Lima Avelino sabendo disso procurou, sem nada me dizer, o Dr. Reis e pediu encarecidamente a minha nomeação para o cargo qualquer. Já esta nomeação recedator. Isso o Dr. Lima Avelino nunca me falou. Quem me contou o empenho do Dr. Lima Avelino a meu favor foi o Dr. Jaime de Vasconcelos.

Uma noite ele jogava xadrez com o Dr. Jaime e eu precisava falar com o Jaime e fui à casa dele. Fui para demorar 10 minutos e fiquei 4 horas. A sua palestra era agradável.

Um dia eu estava na janela da minha casa, quando o Dr. Lima Avelino saiu acompanhado uma visita até a porta. Vendo-me na janela atravessou a rua e veio falar comigo. Nesse momento chegou o General Saco, débil mental que fazia as refeições na casa do Dr. Lima e reclamou: "Vou dispensar a pensão. Está demorando muito. Não posso esperar. O Dr. Lima se despediu de mim dizendo vou atender o meu hóspede.

Era efetivamente um grande coração.

Dr. Lima Avelino nasceu no Ceará, no dia 9 de outubro de 1886. Formou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1915 e estabeleceu-se em Manaus, com banca de advocacia.

O Amazonas era naquele tempo, não o "inferno verde" de que nos fala Alberto Rangel, mas um grande centro irradiador de progresso. Era o esplendor da borracha. Manaus possuía belas avenidas, jardins e vários edifícios monumentais, como o Instituto Benjamin Constant, dedicado à educação de meninas, o Ginásio, o Teatro, que é ainda um dos mais belos da América, situado em lugar que domina a Avenida Eduardo Ribeiro, o Palácio de Justiça e o Palácio do Governo. Sua riqueza principal extração da borracha. Em 1911, escreveu o historiador Arthur Cesar Ferreira Reis, no seu livro "O Seringal e o Seringueiro": "atingimos, o ponto mais alto isto é, 44.296 toneladas; já no ano seguinte descíamos para 33.173, até chegar, em 1923, a 17.991. A produção do Oriente ascendia, nesse mesmo ano, para 369.500. O preço aviltara-se ao extremo. Em 1911 baixara para Cr\$ 300; em 1912, para 6.0700; em 1916, para 4.050. Em 1921, alcançara apenas 1.350! O ciclo da goma silvicultura entrara em colapso. Começou

êxodo dos seringueiros. E, com ele, todo o vasto cortejo de desastres econômicos, financeiros e sociais. O seringal perdera o esplendor." Isso mesmo sempre me contava o Dr. Lima Avelino. Então ele emigrou para Mato Grosso, foi nomeado promotor da Comarca de Santo Antônio do Rio Madeira.

Depois foi Intendente daquele município e em 1924, Deputado Estadual.

Como Deputado Estadual, na sessão de 30 de maio de 1924, na Ordem do Dia, pede e obtém a palavra para enviar à Mesa um projeto de lei, "facultando, na região compreendida pelos Municípios de Santo Antônio do Rio Madeira, Rio Guaporé e seus afluentes, Município de Mato Grosso (Vila Bela), a aquisição por compras de terras devolutas do Estado, mediante o pagamento de 8% sobre os produtos extraídos delas, o qual será feito na Delegacia do Norte ou Coletoria de Santo Antônio do Rio Madeira, sendo as prestações iniciadas com a primeira remessa de produtos depois de decorrido o prazo dos editais".

Qual o objetivo desse projeto?

Era o de solucionar o problema do nosso grande Estado, facilitar a colonização daquela rica zona.

"A colonização disse certa vez o Governador Jary Gomes; a nosso ver, pois, deve constituir a primeira tentativa dos nossos homens públicos no sentido de socorrer a Economia estadual.

Somos um Estado, potencialmente, rico. As nossas possibilidades econômicas são incomensuráveis. E estaríamos fadados a alcançar à situação de grande empório comercial, industrial e pastorial, se puzéssemos em execução um vasto e patriótico plano de colonização, moldado em métodos, ab-

lutamente, técnicos e obedientes a princípios econômicos aconselhados pelas condições peculiares ao meio, à época e ao Estado.”

Terminada a legislatura, transferiu Lima Avelino a sua residência para Ponta Porã e em 1930 foi nomeado Promotor de Justiça de Campo Grande.

Em 1934 exerceu o cargo de Procurador Geral do Estado, sendo mais tarde, por concurso nomeado Juiz de Direito de Coxim, de onde foi promovido para Três Lagoas.

Em 1941, fixou residência definitivamente em Cuiabá, onde exerceu o cargo de Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho.

Era um bom orador. Aliás diga-se de passagem todos Nordesteiros são bons oradores.

Eleito para a Academia Matogrossense de Letras, tomou posse de sua Cadeira nº 20, que tem como Patrono, o educador cuiabano José Estevão Correa, no dia 13 de junho de 1954.

Lima Avelino faleceu nesta Capital, cercado de respeito e admiração da sociedade cuiabana, porque ele era juiz que aceitava o conceito de Santo Agostinho: “Sê justo de preferência a ser generoso; sê humano de preferência a ser justo.”

O POETA DA FLOR DE NEVE

Há poetas que se imortalizam apenas com uma poesia, ou um soneto. Nesse rol encontramos Félix Arvers, Maciel Monteiro, Júlio Salusse, Francisco Otaviano de Almeida Rosa. Aliás, Francisco Otaviano de Almeida Rosa tem duas poesias: um soneto "Morrer... Dormir..." e estes versos que toda a gente sabe de cor:

"Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem — não foi homem,
Só passou pela vida — não viveu".

Pois é assim. Uma poesia apenas basta para imortalizar um poeta. Este é o caso do nosso poeta. Num dia do século XIX, apareceu em Cuiabá, como auditor de guerra junto às forças que operavam na Província de Mato Grosso, na Guerra contra o Paraguai, um bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Seu nome era Antonio Gonçalves de Carvalho. Aqui chegando se enamorou de uma linda cuiabana, Catarina Nunes de Barros, e a ela dedicou estes versos, que passaram para a história literária de Mato Grosso. O advogado ficou conhecido como "O Poeta da Flor de Neve". A namorada do poeta, não resta dúvida, ficou louquinha por ele e acabaram se casando. A poesia era esta:

"Se a neve fosse planta e flor tivesse,
Tu serias da neve a flor, gerada
Da fria viração ao tenue sopro,
À luz da lua, aos beijos duma fada.

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
 Tu serias de neve a flor, mais bela.
 Que brilhando na etérea imensidade —
 Fanal de amor, — adamantina estrela.

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
 Tu serias da neve a flor tão pura!
 E teriam em ti achado os homens
 O símbolo da mais cândida ventura!

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
 Tu serias da neve a flor bendita...
 Causarias ciúme aos próprios lírios
 Que dos jardins do céu a brisa agita.

Se a neve fosse planta e flor tivesse,
 Tu serias da neve a flor querida,
 No meio dos invernos — primavera,
 Sobre o gelado chão — ardor da vida!

Melhor que a flor da neve, és tu, formosa,
 Alvo anjinho do céu baixado ao mundo
 Para servir de tipo de beleza
 E os pretos receber de amor profundo."

A poesia não é grande coisa. Rima imperfeita, mas na época fez sucesso. O poeta ganhou fama, ficou bobo e se casou com a Musa. Bem feito! Quem lhe mandou fazer maus versos!

Antonio Gonçalves de Carvalho também escrevia coisa séria, como por exemplo, "Cartas a Sir William A.", depois reunidas em volume sob o título: "Estrada de Ferro para Mato Grosso" e um outro volume "A Estrada de Ferro para Mato Grosso e Bolívia", em 1877.

Estevão de Mendonça disse que o poeta assinava as suas adoráveis produções poéticas com o pseudônimo — MERICANO. Ora Estevão de Mendonça era historiador e nada entendia de versos, como ele próprio confessa ao acadêmico Rosário Congro, conforme o próprio Rosário conta no seu discurso de posse na Cadeira nº 40, da Academia Matogros-

sense de Letras: "Certa vez, amigo meu dos mais distintos, cultos entre os que mais o sejam, procurando nas colunas d'A CRUZ um trabalho de minha lavra, que lhe fora anunciado, quedou-se decepcionada e lealmente m'o declarou.

"Esperava ele uma produção macissa, ou mesmo massuda, que se aproveitasse, mas versos!"

Ora, Estevão de Mendonça portanto não era autoridade para criticar um poeta.

Antonio Gonçalves de Carvalho foi deputado geral pela Província de Mato Grosso. Era carioca. Nasceu no Rio de Janeiro em 1844. Sacramento Blake diz no seu "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" que o "Poeta da Flor de Neve" era "exclusivamente modesto, ele se oculta em tais produções". Isso pode ser porque o que conhecemos, as produções publicadas deixam muito a desejar.

Poderia ter sido um ótimo deputado, Juiz correto, mas como poeta era medíocre, aliás, como todos os poetas matogrossense da época, inclusive José Tomás de Almeida Serra. Poeta matogrossense que pode ser chamado de poeta foi Antonio Tolentino de Almeida. Antonio Tolentino é um poeta que pode ser lido e lido com prazer. Escreveu muita besteira, mas também fez bons versos.

Antonio Gonçalves de Carvalho tem um soneto com um cacófato horrível — DUMAMANTE.

Vejam esta quadra:

“Ontem, sonhei... que sonho delirante!
Sonhei coisa melhor que o paraíso,
Melhor que da donzela o meigo riso,
Melhor que o doce beijo *duma amante!*”

Estes versos foram transcritos por Estevão de Mendonça — “*Datas Matogrossenses*, 2º volume, pág. 193.

Esse cacófato deixa mal qualquer poeta, ainda mais em se tratando do famoso POETA DA FLOR DE NEVE.

Eu não tenho nada contra o poeta. Pelo contrário, acho até que para o seu tempo ele prestou bons serviços à nossa literatura.

Euricles Mota

Eu conheci Euricles Mota e me fiz seu amigo desde meninos. Euricles, Gervásio Leite e eu sempre nos demos muito bem. Ele parecia uma pessoa indiferente a tudo e a todos, entretanto na intimidade era uma criatura adorável. Inteligente, irônico e culto. Fazia poesias e as mostrava a mim e ao Gervásio. Era bom e leal amigo. Mais tarde foi para o Rio de Janeiro estudar Direito. Formado, regressou a Cuiabá. Era o mesmo Euricles de anos atrás. Não mudou. Falava pouco e era a personificação da calma. Nunca se exaltava. Se alguma coisa o contrariava, ele apenas ficava vermelho.

Todos os dias batíamos papo. Escrevia muito bem. Tanto prosa como verso. Era humorista. O jornal O COMBATE está cheio de suas poesias humorísticas, as quais assinava ZÉ CEGUINHO. Euricles fazia sozinho o jornal, às vezes passava a noite toda na redação, saindo apenas para tomar umas cervejas comigo no Bar do Bráulio, que ficava na rua Cândido Mariano, quase na esquina com a rua Ricardo Franco. Certa vez, ele já tinha terminado de fazer o jornal e ficamos no Bar do Bráulio; lá pelas três horas da manhã alguém propôs que fôssemos ao Pôrto a pé. Ele topou a idéia e fomos. Fomos ao mercado do 2º distrito, ver peixe. Visitamos o mercado e voltamos novamente a pé. Estávamos na avenida Dom Aquino quando Luciano Franco Lôbo parou com o seu automóvel e nos convidou para vir à cidade. Euricles agradeceu. Luciano insistiu: «Vocês indo de carro ganham cinco minutos». Então disse-lhe o Euricles: «Depois que vamos fazer com esse tempo?». Doutra feita estávamos num baile no Grande Hotel, quando o Grande Hotel era grã fino. Lá pelas tantas saiu uma briga e umas garrafadas, eu quis me levantar da mesa. Euricles, segurando-me pelo braço, disse-me com calma: «Onde você vai? Que vai fazer? Sente-se, você não tem nada que ver com isso, fique aí». E eu dei-lhe razão. Efetivamente, eu não tinha nada com a briga! Depois que se casou ele raramente saía à noite, sozinho. Quando saía, saía com a esposa para irmos ao baile. Eu nunca fui a uma festa sem ele. Sempre fomos bons amigos.

A sua morte me deixou um vazio. Considerava-o um irmão.

Ele escrevia uma poesia e me mostrava. Como crítico, era fino. Quem não o conhecesse não poderia avaliar o seu talento, porque ele era muito calado.

De forma alguma se exhibia. Se não fôsse consultado não dava opinião, embora a sua opinião fôsse sensata. Estimava e admirava Gervásio, embora êle fôsse udenista e Gervásio, na ocasião, líder do P.S.D., na Assembléia Legislativa do Estado.

Diariamente nos encontrávamos, ou na Livraria Santa Terezinha ou no Bar do Bugre, o

mais movimentado e tradicional bar que teve Cuiabá durante 50 anos, o local favorito do bate-papo.

A sua palestra era agradável, como a de todo leitor de EÇA de QUEIROZ.

Euricles nasceu em Cáceres a 17 de outubro de 1917 e faleceu em Cuiabá, a 22 de fevereiro de 1968, com apenas 51 anos de idade. Júlio Dantas disse uma certa vez que «quem morre moço é querido dos deuses» e Euricles era uma criatura incapaz de fazer mal ou ofender a quem quer que seja. Devia ser mesmo querido dos deuses. Era um bom poeta. Escreveu muitas poesias e sonetos, dentre êles êste:

DESCOMPASSO

«Quando, no meu viver de solitário,
a mágua de ser só faz-se mais crua,
teu vulto em meu espírito insinua
a aventura de um mundo imaginário.

E ouvindo o apêlo do animal gregário,
que vive em nós e em nosso sangue estua,
chego a sentir necessidade tua,
como o penhor de um bem hereditário.

Entretanto bem sabes que é mentira,
visto que tudo contra nós conspira
tornando um impossível nosso amor.

E é vário o meu sentir, eu te confesso,
— quero-te, às vêzes, com ardor possesso
e, logo, te desprezo com furor.»

Como prova de que êle era um poeta notável, vamos transcrever o que a seu respeito disse

MALBA TAHAN, no seu livro A LUA, página 117: «Coube a um poeta mato-grossense a originalidade de qualificar até de funérea a luminosidade da Lua, nos seguintes versos de Euricles Mota:

«A paisagem branca de cemitério
mais branca se torna
sob a funérea luminosidade da lua».

Em algumas produções poéticas êle assinava o pseudônimo LUIZ DECACERES em homenagem à sua terra natal, como nêste, por exemplo:

HARMONIA DISPERSA

Que importa fôsses taça mercenária
e eu o conviva cético eventual;
vivemos, certo uma hora fragmentária
da dispersa harmonia universal.

A alma humana é a corda rude e vária
que a mão do instinto vibra desigual,
no afã da melodia tumultuária,
que ora é divina e, logo, é bestral.

Tu eras para mim desconhecida,
e, sei que não sabias quem eu era,
— ignotos sêres, como a própria vida;

Porém, cantava em nós a primavera,
na oferenda da carne redimida,
que elevo as almas e adormede a fera.»

Esses sonetos foram escritos em 1946.

Euricles, compreendia bem o pensamento filosófico de SCHOPENHAUER: «O poeta é o homem universal. Tudo o que agita o coração do homem, tudo o que a natureza humana, em suas várias circunstâncias, tem podido ensinar e produzir: tudo o que habita o coração de um ser mortal, tem o seu domínio no seio do poeta, domínio que se estende a tôda Natureza.» Ele era bom, em seu coração habitava o bem. Nunca teve ódio e porisso escreveu:

«Eu hoje sinto que meu coração
De nôvo abriga um sonho de ventura,
Ja não penso, fascina-me a ilusão
E anda a minha alma cheia de ternura.»

Efetivamente a sua alma vivia cheia de ternura, daquela ternura de que falava Santo Agostinho: «A ternura é a essência de quanto em nós há de bom; é o efeito e a aplicação dos nossos sentimentos de caridade, de esquecimento de nós mesmos, de suprema resignação, sustentados por uma grande energia moral.»

E encerrando esta crônica de saudade, quero concluí-la com um verso de MARTINS FONTES:

«OH! A SAUDADE, POETA, É UMA RESURREIÇÃO!»

WLADEMIR DIAS PINO

A personalidade mais difícil de ser interpretada da literatura matogrossense é, sem dúvida, por ser a mais contraditória, Wlademir Dias Pino.

Misto de gênio e louco, o poeta é um irrequieto. Nunca está satisfeito com o que produz. Wlademir, tanto na poesia como na pintura, é de um hermetismo a toda prova. Difícil de ser compreendido.

Ainda quando residia em Cuiabá, Wlademir fundou um movimento renovador da literatura, ao qual deu o nome de INTENSIVISMO. Intensivismo, explicava o poeta: "O preto e o branco - contraste e paralelos é quase tudo no Intensivismo" e cujo programa é Simbolismo duplo. Além da imagem está outro significativo poético.

Por exemplo:

"E debaixo de tantas emoções noto, lá embaixo, os caminhos como braços.

"O simbolista olhando de cima logo apresenta a imagem dum braço estendido, mas o intensivista vai além.

"Começa dizendo os braços é aquilo que buscam as coisas para junto do coração ou mandam embora".

Esse manifesto foi publicado no jornal SARÁ.

Não se pode negar que Wlademir é uma grande inteligência. Em 1957, aderiu ao movimento concretista, movimento que, segundo Delson Gonçalves Ferreira, "começou a aparecer como reação ao marasmo, à apatia, ao desfibramento, à inexpressividade do movimento poético. O modernismo já não traz mais a força do arranco, barulhento e anárquico, do princípio caiu na pasmaçeira".

"Luta Corporal", de Ferreira Gullar, é o primeiro semeador da nova semente. Surgem outros poetas concretos: WLADEMIR DIAS PINO no MATO GROSSO; Sílvia Grossaman, Reynaldo Jardim, Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, os mais ativos.

Wlademir sempre foi um espírito inovador. Cuiabá, em 1952, era ambiente pequeno para seus sonhos. Um dia cismou e mudou-se para o Rio de Janeiro, mas a cidade de Cuiabá vive no seu coração, embora seja carioca de nascimento, aqui estudou e passou a sua infância. Quando teve de publicar seus dois livros de poesias: A MÁQUINA e OS CORCUNDAS, os editou na velha Cuiabá, em 1955.

Os versos do livro A MÁQUINA são assim:

"Que pluma êsses dentes
da engrenagem até ao tédio
tamanho mapa, mapa de ferro
ruminando que raiva igual
tôada andaime logo de febre
e também aço outras coisas
quase humana, quase hélice.

Ou êstes outros versos de OS CORCUNDAS:

“Vejam os tamancos
com paisagens
pintadas nas solas,
ou as estrêlas empelhadas
e que graça, ó senhores, seus tambores:
verdes pratos de balanças.

Dái “destino” aos peixes, ó camelô!

Vejam as pálidas cêstas
virgens da província vindas,
Senhoras, êsse homem que aqui está
já matou sete só para comer as unhas
porém, hoje, é êsse pobre camelô
com seus cofres com flores
e unhas, por maior razão, postiças”.

Depois dêstes versos, temos que dar razão ao conceito de Sêneca: “Jamais houve homem de gênio sem traços de loucura”. E teve razão o filósofo romano.

LEÔNIDAS DE MATOS

Leônidas de Matos, apesar de haver exercido vários cargos públicos de destaque, inclusive o de Interventor Federal no Estado de Mato Grosso, é um poeta esquecido.

Como orador foi Leônidas um dos maiores do Estado, embora a seu respeito houvesse o meu saudoso amigo dr. Agrícola Paes de Barros, publicado no seu jornal A PLEBE, estes versos:

“Interventor, o calado,
Vai a festa contemplar
No seu trono assentado”

Entretanto, ele foi um grande orador, e também um grande poeta simbolista.

Nasceu em Culabá, a 28 de fevereiro de 1894, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio Grande do Sul. Como advogado, em Porto Alegre, trabalhou com o dr. Getúlio Vargas.

Em Mato Grosso, exerceu os cargos de Chefe de Polícia, Secretário Geral do Estado e Interventor Federal. Durante a sua intervenção houve a Revolução Constitucionalista, de São Paulo, a qual ele combateu com energia.

Figura simpática e de fino trato, era Leônidas de Matos uma oratória simples.

Não fora sua modéstia, o seu nome não teria sido esquecido tão depressa, porque Leônidas de Matos como poeta foi um dos melhores de Mato Grosso.

Não publicou livros, mas produziu bastante. Escrevendo a seu respeito, disse Dom Aquino Corrêa: “Alma de poeta, que é Leônidas de Matos, cuja musa, desde os seus tempos de estudante, vive a rendilhar no aranhôl dourado e amorável da sua modéstia, a tela lírica dos versos e prosas, em que se lhe desentranha o

coração docemente vibrátil". E teve razão o Arcebispo poeta, porque os versos de Leônidas eram versos inspirados:

"Ó silêncio da tarde que me exortas!...
Ó Silêncio ...

... amigo das igrejas mortas ...
das alcovas esquecidas,
onde a saudade vai ouvir chorando,
os beijos que morreram soluçando,
as palavras perdidas,
que caladas morreram no silêncio ...

Amo-te, Hora, em que o Angelus dolente,
na luz crepuscular,

Chora saudades brancas pelo Arl ...

Ó misticismo azul do Pôr do Sol!

Ó Pedraria viva do Arrebol! ...

Ó quadro simbolista do Poente!

Estes versos comprovam a nossa afirmati-
va de que Leônidas foi um grande poeta simbo-
lista.

Era membro da Academia Matogrossense de Letras, ocupante da Cadeira n. 1, a qual tem como patrono o nosso primeiro cronista José Barbosa de Sá. Ao ser recebido na Casa Barão de Melgaço, na noite de 20 de fevereiro de 1932, o professor Francisco Alexandre Ferreira Mendes proferiu estas palavras: "A vossa poesia filosófica, em muito se aproxima de Laprade, o grande lirico de Montbrison, pelo simbolismo, suave melodia e sobretudo pela delicadeza do ritmo. Ser poeta, não é somente amar e cantar o amor: é também buscar interpretar os segredos da vida". E transcreveu o soneto de Leônidas "Falando à Pena":

"Velha pena, que a máguia me minora,
Companheira nas horas de agonia,
Inda uma vez, em lânguida poesia,
Vem traduzir o meu sofrer, agora.

Tenho no peito a dor. A treva móra
Em minh'alma. Jamais a luz do dia
Pode aclarar a escura noite fria,
Que o coração me veste, e me devora.

Pena querida, treme entre os meus dedos,
E penetra do berço nos segredos,
Triste, queixosa, trêmula, com calma,

Vai traduzindo a minha dor, conquanto
Cada poesia fale do meu pranto
E fale cada estrofe de minh'alma".

Geralmente Leônidas de Matos publicava as suas produções na bem feita revista do Colégio Salesiano — REVISTA MATO GROSSO —, uma das melhores revistas publicadas em Cuiabá, graças aos padres salesianos. Esta revista era editada no próprio Colégio, contando com a colaboração dos maiores intelectuais do Estado e era dirigida pelo então padre Francisco de Aquino Corrêa. Só podia ser uma grande revista, bastando o nome do seu diretor para recomendá-la.

O poeta faleceu com apenas 42 anos de idade, no dia 8 de abril de 1936, no Rio de Janeiro.

VASCONCELOS

Eu escrevi no meu livro «História da Literatura Mato-grossense» que dos intelectuais de Mato Grosso fosse talvez Jayme Vasconcelos o que tivesse vida mais agitada. Disse isso e disse bem, porque em verdade Jayme de Vasconcelos desde moço teve uma vida agitada. Em 1911, por ocasião da fundação da Academia da Imprensa, no Rio de Janeiro, disputando uma das dez cadeiras daquela sociedade, Jayme vence o pleito, mas por esse motivo se bateu em duelo com o jornalista José do Patrocínio Filho.

A coisa se passou assim, conta R. Magalhães Junior na sua obra «O Fabuloso Patrocínio Filho»: Jayme chamara Patrocínio Filho dum miserável negrinho. Indignado Zeca não sossegou enquanto não enviou a Jayme Ferreira de Vasconcelos os seus padrinhos. O ofensor acatara o desafio. O duelo seria a espada. Zeca se jactava de se ter batido, na França, em 1903, com Eduardo Bosse, segundo registrou «A Imprensa», em longa reportagem, a 14 de 1911.

«O encontro seria no areal ao fim da linha dos bondes de Ipanema, então lugar deserto, e mais ainda às 5 horas da manhã, quando se daria o combate. A mesma reportagem declara que, no entanto, a policia surgira inesperadamente ao local, na pessoa dos Delegados Eurico Cruz e Solferi de Albuquerque (poeta muito assíduo nas páginas do «FON FON») e do agente Lima. A reportagem, escrita pelo então jovem jornalista Américo Facó, narra em estilo vivo e pitoresco uma série de peripécias, através das quais os duelistas e suas testemunhas teriam em vão tentado «driblar» a policia. As testemunhas eram, por parte de Zeca, o poeta José Maria Goulart de Andrade, este, como vimos, um dos membros do novo cenáculo, e o jornalista Pedro Costa Rego, um dos moços de «A Estação Teatral», no ano seguinte iniciado na politica como secretário dan Agricultura do Governo de Alagoas, sob a chefia do primo e cunhado do marechal Hermes, general Clodoaldo da Fonseca. Os de Ferreira de Vasconcelos eram Ludgero Feital e o jornalista e futuro diplomata Paulo Demoro.

«A consequência única de tudo aquilo fôra uma série de correrias, em automóveis, tendo uma dessas viaturas, pertencente à policia, capotado espetacularmente na praia de Botafogo, onde trafegava em velocidade excessiva. Levava o carro acidentado, como passageiros, um guarda civil, os jornalistas Américo Facó e Durval Cahet. Todos eles receberam ligeiros ferimentos. Os duelistas regressaram à cidade sãos e salvos, mas por certo sonolentos, extremunhados, pela noite passada em claro... Fôra em cafés, com o velho Suíço, que tinham esperado o amanhecer para terçar as armas... A reportagem de «A Imprensa» terminava com estas palavras: «Parece-nos, contudo, que os conten-

dores ainda não se dariam por satisfeitos e não se resignariam com a intervenção policial como desabafo de suas suscetibilidades».

E ainda R. Magalhães Junior acrescenta na sua obra já citada, baseando-se na reportagem de «A Imprensa»: «Foi assim decidido que o duelo era inevitável por deferência ao menos às testemunhas e o próprio sr. Costa Rêgo leu com voz pousada e grave o laudo já assinado. Colocados os adversários... Não. Os adversários ainda não haviam tomado as suas posições, quando uma cabeça curiosa se desenhou à espreita, por trás de uma árvore. Seria a policia? Mas a cabeça desapareceu, levada pelo dono, que decerto não a quis perder. E os preparativos continuaram. As pistolas foram carregadas com balas esféricas. O sr. Costa Rêgo escolheu uma, que entregou ao sr. Patrocínio, e passou a outra às testemunhas do sr. Ferreira de Vasconcelos. Para diretor do combate, foi designado o sr. Goulart de Andrade. Num instante, tudo estava pronto para a tragédia. No lugar onde tinha surgido uma cabeça, havia momentos, estavam agora dois guardas do Reservatório, que olhavam espantados toda aquela encenação estranha e tão desusada na pacata esplanada do Pedregulho. O sr. Goulart de Andrade estava comovido. O dr. Júlio de Novais estava comovidíssimo. Mas eis o minuto terrível: o sr. Goulart de Andrade levantou a sua bela voz sonora, que sabe declamar ale-

xandrinos vibrantes, mas agora um pouco trêmula, e gritou: «Um!... dois!... fogo!...» Felizmente, as balas passaram silvando, sem tocar nenhum dos adversários. E como estava satisfeito o princípio de honra, a reconciliação proposta pelos padrinhos foi aceita. Os dois moços, que por delicadeza de sentimento se haviam encontrado frente à frente, com as armas na mão, trocaram com nobre gravidade um *shake hands*. A reconciliação está feita com dignidade para ambos e para as suas testemunhas.»

Isso foram coisas da mocidade, de quando gente.

«Rindo e cantando, célebres e ufanos, Vamos marchando descuidosamente...»

Hoje Jayme de Vasconcelos é outro homem. É sem dúvida uma das mais brilhantes culturas jurídicas do Estado. Jornalista, advogado de nomeada, seu nome é conhecido em todo o país.

O professor Galeno Lacerda, no seu livro intitulado «Despacho Saneador»,

estudando a introdução da nossa disposição processualística que confia ao Juiz escolmar o processo de nulidades em sua primeira fase, apreciando-o e pronunciando-o no despacho saneador, evitando às partes perda de tempo e despesas, acentua que no Brasil a primeira voz que se levantou para a introdução no nosso Processo Civil desse salutar dispositivo, foi o dr. Ferreira de Vasconcelos, autor do Ante-Projeto do Código do Processo Civil de Mato Grosso, organizado e publicado em 1928.

Jayme de Vasconcelos é autor de vários trabalhos sobre assuntos jurídicos, em seu livro «O Direito em Ação», o saudoso desembargador José de Mesquita, que foi presidente do Tribunal de Justiça por 10 anos, prefaciando a obra, ressalta ser o primeiro livro publicado por escritor matogrossense, estando a sua edição hoje totalmente esgotada.

Na opinião do Desembargador Gervásio Leite, uma das mais brilhantes culturas de Mato Grosso, afirmou que «Di-

reito em Ação», éle como outros colegas, em arrazoados e até Juizes em suas sentenças, citam não raro as obras de Jayme de Vasconcelos.

Em 1952, o Presidente da República o condecorou com a Ordem Nacional do Mérito, conforme consta do «Diário Oficial» de 12 de novembro daquele ano, no noticiário oficial, a nota de que o Presidente concedera aquela distinção «por serviços à cultura e à causa pública».

E desse penhor natural de José Jayme de Vasconcelos, pelas causas do pensamento, como jornalista, advogado ou professor de Direito, toda a sua obra constituída por muitos volumes, nos dá prova o que o Governo da República ainda há pouco confirmou, ao lhe conferir mais o galardão — a «Medalha do Pacificador». Batalhador infatigável, apesar da sua veneranda idade, ainda continua lúcido, para nos oferecer como ofereceu ainda no ano de 1971, outra obra jurídica: «A Desatualização do Direito e o Retrocesso da Moral».

Fundador da nossa Associação de Imprensa, membro do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras.

Por mais de 30 anos, ele manteve o «Jornal do Comércio» circulando diariamente.

Em 1930, quando da vitória da Revolução foi o «Jornal do Comércio» empastelado, em 1932 foi o seu diretor preso na famosa «Sala da Capela» por haver participado da Revolução Constitucionalista e sendo ainda Jayme processado por crime de imprensa.

Portanto, não resta dúvida, quando afirmei na minha «História da Literatura Matogrossense que, Jayme de Vasconcelos tivesse sido o intelectual matogrossense de vida mais agitada.

109

LOBIVAR MATOS

Esta série de ensaios que tenho escrito, por insistência do meu amigo Ronaldo de Castro, já está se tornando longa. Ronaldo me pede um artigo para o seu jornal e eu, como acho que Mato Grosso é um Estado esquecido, vou escrevendo sobre os seus homens e suas coisas.

Porisso hoje resolvi escrever sobre o poeta Lobivar Matos, uma das mais interessantes figuras do seu mundo intelectual.

Com Lobivar Matos começa, pode-se dizer, o movimento modernista na poesia mato-grossense. O jovem poeta corumbaense lança com o seu primeiro livro de versos *Areôtorare* (poemas boróros) o grito de renovação. Antes de *Areôtorare* os nossos poetas ainda estavam no romantismo. Lobivar teve a coragem de quebrar a rotina. Lolito, como era chamado, enfrentou os antigos literatos de Mato Grosso com a sua poesia moderna. Enfrentou só não! Escandalizou os poetas de estilo "Noivado do Sepulcro". Morreu moço. Com apenas 39 anos, cumprir a sentença de Júlio Dantas, que achava que os poetas e as mulheres bonitas devem morrer cedo, em plena beleza e em plena glória. E assim morreu Lobivar.

Viveu no Rio de Janeiro e era funcionário da Polícia. Formou-se em Direito. Bacharel, veio para Cuiabá, durante a intervenção Julio Muller. Foi nomeado Diretor do Departamento de Estatística. Escrevia diariamente uma coluna n' O ESTADO DE MATO GROSSO, quando o jornal era dirigido por Archimedes Pereira Lima.

Publicou apenas dois livros de versos: *Areôtorare* (poema boróros), Rio, 1935 e *Sarobá*, 1936, livro que mereceu do crítico Eloy Pontes estas referências: "O Sr. Lobivar Matos foi uma das poucas surpresas que nos assaltaram nestes últimos tempos".

Manoel Bandeira, que considero crítico criterioso, fez-lhe a seguinte apreciação: "Sarobá é a denominação do bairro negro de Corumbá. Sarobá: técnica — verso livre com recorrência de certos ritmos regulares batidos; fundo, um sentimento realista, que ousa chegar até à obscenidade, como o poema "Sexo" (um dos melhores do livro, mas infelizmente impossível de transcrever), inspiração revolucionária revelando-se às vezes de maneira direta, às vezes sob forma alegórica (poema "Derrocada"). Ou generosa simpatia para com os pobres, os esculhambados:

"Quando sinto vontade de ver santos
nunca entro na igreja.

Sento-me num banco de praça
na boquinha da noite,

110

e fico namorando os desgraçados
encolhidos na escadaria da igreja”.

Lobivar morou em Guabá quando estudante. Eramos alunos do prof. Isac Póvoas. De preguiça, eu e Lobivar só copiávamos poesias como tarefa. E um soneto era menor que qualquer outra cópia. Logo, nós fomos pela lei do menor esforço.

Descrevendo uma festa do Senhor Divino, Lobivar escreveu estes versos:

SENHOR DIVINO

O bombo ribomba ao longo da rua longa.
Foguetes saracoteiam, vagabundos, no ar.
E o bando avança
e a banda sapeca marchinhas supimpas.

— Senhor Divino, cadê meu pão?
Tá na casa do Mané Galvão.
Tá na casa do Mané Galvão.

Um homem magro corre com a bandeira suspensa,
cheia de fitas, fitas cheias de notas amarradas.
No alto, uma pomba,
Mocinhas bonitas correm de lado a lado
com sacolas vermelhas onde os niqueis tilintam.

Velhas beatas de papo crescido
beijam a bandeira sagrada
e fazem questão cerrada
de esconder a cabeça dos netos na bandeira,
pra criarem juízo.

Atrás vem o acompanhamento.
Povaréu que não acaba mais.
Namorados brejeiros jogando frases galantes
e velhas descalças carregando latas,
potes, o diabo na cabeça,
porque fizeram promessa para o santo.
Não há bairro nenhum, beco, rua, viela, estrada
que escape da esmola.
E a rapaziada dança três noites
na casa do “Imperador”,
Três noites de farrá,
Três noites de fuzarta,
três noites de pagodeira;
— tudo isso por conta do Senhor Divino.

AAA

— Senhor Divino, cadê meu pão?
Tá na casa do Mané Galvão.
Tá na casa do Mané Galvão.

E o bando avança
e a banda sapeca marchinhas supimpas.

— Esmola para o Senhor Divino,
pra repartir com o padre Zeferino,
pra repartir com o padre Zeferino”.

Esta é uma descrição do que eram antigamente as esmolas do Senhor Divino, festas do povo, da Cuiabá antiga, de quando a cidade de Moreira Cabral, trepada no morro da Prainha, via agitar os leques mil palmeiras cantadas por Dom Aquino Corrêa. Lobivar viveu em Cuiabá nessa época. Com as festas do Divino, esmolas, missas de madrugada, iluminação no pátio da matriz, touradas. Era uma cidade alegre, aquela Cuiabá em que viveu o poeta Lobivar Matos.

|—

O Poeta da Ilusão

O meu saudoso amigo Ulisses Cutabano cognominou o poeta Antonio Tolentino de Almeida de "O Poeta da Ilusão"; Tolentino de Almeida é um nome quase esquecido nas letras matogrossenses. Entretanto, publicou ele vários livros de versos. Esse esquecimento lhe voltam os seus contemporâneos é injusto. Tolentino foi um grande poeta. Estudando a sua poética à luz da teoria de Freud, escreveu a seu respeito Olegário de Barros: "Sobre o mar revólto de imprecações, profético e desfigurado, TOLENTINO DE ALMEIDA prega a paz e a justiça, a união e a concórdia. Dentro do seu grande sonho revela o artista, que canta o amor secreto das princesas, por entre a pompa maravilhosa dos palácios europeus, surge o profeta idealizando o reino do amor a unir todo o mundo dentro do sonho de poeta, resume, sem dúvida, a floração musical de uma nobre e grande alma"

Nascido em Rosário Oeste, no dia 24 de janeiro de 1878, faleceu em Levegger no mesmo dia em que viera ao mundo. Precisamente, completava nesse dia 62 anos.

Conheci-o. Tinha uma cabeleira leonina, toda branca

«Sem corôas de lírios e de rosas,
Sem o lóuro virente dos heróis».

E por si, vai, entocando essa música, esse alto canto.

O soneto «CÔR LAPIDIS» é uma jóia da poesia nacional. Não resta dúvida, Tolentino de Almeida foi o bardo mais espontâneo de Mato Grosso.

CÔR LAPIDIS

Se a mágua que me fere, assim sanhuda,
Um térmo não tivesse, pra curá-la,
Bastava apenas escutar-te a fala,
Se não falasses... ver-te, embora muda;

Pensava assim. Mas, entretanto cala
A mesma dor no coração aguda;
O teu sorriso o meu sofrer não muda,
O teu desdém somente me apunhala

Devo adorar-te? Devo ser cativo?
Hei de por ti morrer se me não queres,
Sacrificando o coração altivo?

Olha, senhora, o nosso amor não medra;
Julguei-te um dia a Deusa das mulheres,
Porque não vi teu coração de pedra:

113

Como se vê suas poesias possuem simplicidade e harmonia como as de Cassimiro de Abreu. Ele foi o último romântico da literatura matogrossense.

Publicou vários livros de versos: «Ilusões Doiradas», 1910; «A Índia Rosa», 1930; «Retirada da Laguna», 1930; «Romeiros do Ideal», 1937.

O poeta nasceu rico e morreu pobre. Ele próprio confessa:

«E vivi e sofri e sofro e vivo
Nesta constante alteração da sorte,
Ora isolado e triste, ora expansivo.

Faço meus versos como dantes fiz;
E até o presente, sem pensar na morte,
Não me recordo se já fui feliz».

Tolentino de Almeida mereceu uma louvável crítica do escritor brasileiro Monteiro Lobato. É patrono da Cadeira n.º 29, da Academia Mato Grossense de Letras, ocupada pelo Prof. Cesário Neto.

Gervásio Leite

114

Poeta de grande sensibilidade, jurista, ensaísta e crítico de valor, Gervásio Leite é um notável escritor. Participou intensamente do movimento modernista, sem ele, acredito, nada teria sido feito. Ele definiu a posição da mocidade: quando apareceu a revista PINDORAMA, formulou uma profissão de fé compatível com o mundo contemporâneo. Isto é, compatível com o mundo que se desagregava diante da segunda guerra mundial. Ele disse "que o moço de hoje, que tem coragem de viver dentro do seu tempo, deve procurar no caos, paradoxalmente, rumos para um mundo mais humano. Intolerantemente a juventude deve se manter dentro dos seus princípios, sem aceitar acórdos com os princípios decadentes que certos espíritos velhos defendem. É nessa luta na defesa dos nossos

princípios mais humanos, capazes de satisfazer a vida absorvente do século. Nada de desfalecimentos. A luta é para o forte. Aquêles que não sabem ter coragem para sustentar suas idéias são indignos de se arremetarem na falange da mocidade".

Esse foi o grito da renovação. A nossa literatura era, pode-se dizer, um imenso cipóal intransponível. Gervásio colaborou para a sua reforma. Deu-lhe vida. Humanizou-a.

É bem verdade que a luta não foi mole. Tínhamos que enfrentar espíritos retrógrados. Se encontrávamos ao nosso lado um José de Mesquita, haviam outros que não compreendiam versos sem métrica e sem rima. 1939, ainda se escrevia no estilo de Soares de Passos.

Lobivar Matos afirmou num artigo publicado no ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA: «Um poeta boróro, que faz parte da «nova geração», há pouco tempo me obrigou a observar um fenómeno literário de grande importância para esta síntese: do atraso em que se encontravam os académicos daquela época. Disse-me o poeta: Menino, parece mentira, mas não entraram ainda nem no romantismo... De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram ao romantismo. Isso de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nem um milímetro. Isto sim».

Todo o mundo escrevia sonetos. Gervásio começou a publicar poesia moderna. Imáginem o escândalo que não deveria ter produzido esta poesia, naquela época

HAMLET

Hamlet diante do abismo
deveria ter dito como o outro de Shakespeare
«To be or not to be, that is the question».

Mas este Hamlet do meu poema
jogou o chapéu prá trás, engoliu em teco,
e articulou:
«Mas que buracão, meu Deus do céu».

É que este Hamlet do meu poema
é analfabeto,
trabalha na estiva.
É filho da minha lavadeira
nada tem com Shakespeare
e só é Hamlet por acaso.

115

Além de poeta, Gervásio é um notável cronista. Publicou os seguintes livros: «Leão XIII e o Mundo Moderno», 1941; «Aspecto Mato-Grossense do Ensino Rural», 1942; «O Avião da Vingança» (poema), 1943; «Roteiro de uma Personalidade», 1944; «Imposto Territorial», 1947; «As Imunidades dos Vereadores e a Constituição do Estado», 1947; «Terra Agarrativa e Linda», 1969; «Parte Geral de Direito Civil», 1970. É um dos mais brilhantes professores da nossa Faculdade de Direito e a maior cultura do Estado.

ANTONIO

116
CAETANO

Eu o conheci. E quem em Cuiabá não conhecia Antonio Ventura. E era uma ventura conhecê-lo. Alegre, boêmio, espirituoso e inteligente. Irônico e mordaz.

Era bom para colocar um apelido e mordaz nas quâdras que fazia. Infelizmente muitas delas não podem ser publicadas. Quando eu era garoto, gostava de ir à sua casa. Pois sempre fui amigo de seus filhos, principalmente do Benedito. Ele morava nesse tempo na Travessa Voluntários da Pátria, esquina com a rua Comandante Costa.

Contam que o dr. Alberto Trigo de Loureiro, que foi Deputado Federal por Mato Grosso, certa vez falava num comício. Dr. Alberto tinha o apelido de frango teso. Lá pelas tantas, ao subir à tribuna, que era feita de madeira, caiu um degrau da improvisada tribuna. Nisto gritou Antonio Caetano: «Frango teso caiu do poleiro!» Foi uma risada geral e o orador não conseguiu mais falar.

Caetano era funcionario estadual, aposentado. Foi contador e diretor do Tesouro do Estado, contador da EFLA e depois de aposentado ainda exerceu os cargos de Diretor da Biblioteca Pública e foi Diretor de Departamento de Terras da Prefeitura Municipal de Cuiabá. Era apesar da idade, jovial. Nunca o vi zangado ou aborrecido. Sua esposa D^a. Santinha era tambem uma criatura boa. Compreendia o marido e porisso viveram felizes por quase 60 anos. Colaborava nos jornais de Cuiabá, anonimamente, não gostava de aparecer. Muitas vezes sentavamos no Bar Pinheiro para esperar pelo nosso amigo Euricles Mota. Antonio era como Euricles udenista. Vibrou com a eleição de Jânio para a Presidência da República. Quando Jânio renunciou perguntei-lhe o que achava e ele disse: verdadeira calamidade nacional. Ficou tão aborrecido que deixou a cidade indo passar uns tempos na Usina Aricá, local onde ele nasceu a 7 de agosto de 1889.

Quando o Cel. Antonio Mena Gon-

galves veio para Cuiabá, como Interven-
tor Federal, trouxe consigo várias pessoas
do Rio e do Rio Grande do Sul. Na co-
mitiva interventorial veio um cidadão que
era uma espécie de Ajudante de Ordens,
e era chamado de major por toda a gente.
Então perguntaram ao Caetano, mas ele
é major de que? Caetano respondeu sem
vacilar: Major de Bugre. E o homem fi-
cou com o apelido de Major de Bugre.

Sempre que ele fazia uma quadra
me mostrava.

Mas, voltemos ao major de Bugre
que havia publicado um edital na Gazeta
Oficial, cheio de erros de portuguez. Pois
bem, Caetano escreveu este soneto, que
o meu amigo Manoel Miraglia me deu:

«O tal Major de Bugre ordena e
[manda
Num edital saído na Gazeta,
Em portuguez castiço de Loanda,
Aos que querem chupar do Estado
[a teta:

«Que fique la por fora, cara banda,
E no Paço o carão não intrometa
Aquele que tiver qualquer demanda
Ou emprego a pedir, com ou sem
[treta.»

Ó! povo cuiabano, onde a vergonha
Que havia em tua cara antigamente?
Onde a perdeste, ó gente tão pamo-
[pha?

Levanta-te da inércia, sem receio,
E mostra a chibata a esse insolente
A estrada da Cocheira de onde veio!

Ainda a respeito do Major de Bugre es-
creveu Antonio Caetano:

«Ao D. Quixote bobo e fanfarrão,
Guerreiro valentão, só por troça
Que figura, melhor (ninguem diz não)
Faria, ao balancin de uma carroça...
Major pela afamada academia
Militar la da Creta celebrada,
Doutor colodo em Bestiologia
Laureado em relinchos e patadas!...

Tinha pavor de ser hospitalizado, pois
mesmo octogenário, gostava de um bom
churrasco e burlava a vigilância de seus
filhos para desfrutar de uma lauta refei-
ção, contra indicada para a sua idade.

Ele era amigo do Chau. Chau havia perdido a concorrência para concessionário do Cine Teatro Cuiabá. O cargo de Prefeito de Cuiabá era nomeação do governador e o dr. Fernando Corrêa da Costa era o candidato ao governo. Antonio Caetano fez esta quadra:

«Quando o Fernando subir
No Chau tem que dar um geito:
Ou entregar-lhe o Cinema.
Ou nomeá-lo Prefeito!»

O jornal «O Combate» publicava uns versos assinado Zé Ceguinho — Só... Rindo... eram feitos por Antonio Caetano e Euricles Mota. Era uma gozação política.

Numa sexta-feira, depois do almoço na chácara do seu genro, Deputado Vicente Emilio Vuolo, após ter recusado a um convite do seu amigo Faninho Biancardini para jogar uma partida de truco espanhol, seu predileto passatempo, repentinamente faleceu Antonio Caetano a quem em vida lhe dediquei esta quadra:

«Eu tenho dito por vêzes
que destas bandas de cá...
És o Emilio de Menezes,
Desta nossa Cuiabá!»

Pedro Medeiros

Pedro Medeiros, poeta corumbaense, era simbolista e teve grande influência de Mário Pederneiras.

Mallarmé foi o pontífice máximo desta escola. Para os simbolistas o "pensamento, isto é, o que a poesia pode ter de vulgar pela sua origem, desaparece nas brumas indecisas do símbolo, mas tudo o que por esse lado se perde, avulta na forma musical dos poemas. É a música estranha, que não se sujeita às regras do ritmo, do compasso e do contraponto, tem grande afinidade com a música do futuro. Aí avultam a Mulher e os sentimentos que ela inspira, mas essa Mulher não é a carne dos parnasianos, mas a Noiva imaculada dos místicos amorosos. Os simbolistas são poetas instrumentais.

Verlaine disse: "De la musique avant toute chose".

A poesia, como a música, queriam os mestres desta escola: sugestimar o leitor por meio de palavras sonoras artisticamente encadeadas, despertando-lhe a mesma emoção despertada pela música.

A arte para os simbolistas, "encerra um dógma num símbolo".

Porisso Verlaine mereceu de Emilio Zona a seguinte crítica: "Se a poesia não é senão a natural fonte, que brota de uma alma, se ela não é senão uma música, um flamento, um sorriso, se ela é o grito fantástico de um ser que se enche de júbilo ou de lágrimas, que peca e se arrepende, Verlaine é o poeta mais fascinante deste fim de século".

Mas, infelizmente, a poesia da música e das palavras sonoras se degenerou. Seus cultores encheram-na de tantos símbolos e mistérios, que até o próprio Mallarmé a levou à obscuridade irritante, "dando às palavras, escreveu John Macy, um segundo sentido, suprimindo a significação usual, de modo a tornar-se ininteligível — só em sua própria cabeça havia a chave daquilo".

Não precisamos ir muito longe buscar exemplos. Têmo-lo, nós, aqui no Brasil, no poeta Negro Cruz e Souza.

A este poeta catarinense Sílvio Romero fez referências pouco lisongeiros. Depois, suggestionado por Nestor Vitor, modificou seu juízo crítico, sob o único fundamento, diz Medeiro e Albuquerque, de ser Cruz e Souza tuberculoso, pobre e carregado de filhas". (Quando Eu era Vivo).

Ele produz tanta confusão em alguns de seus versos, que chegam a ser ilegíveis.

"Da doçura da Noite, da doçura
De um termo coração que vem sorrindo
Seus segredos recônditos abrindo
Pela primeira vez, à luz mais pura".

Pedro Medeiros era simbolista, mas como Mário Pederneras. Seus versos são compreensíveis.

Por exemplo, na poesia "Coração", diz o poeta:

"Coração, coração...
 Leito de plumas brancas, luxuriantes,
 — macio, veludoso, calmo e brando...
 De quando em quando
 — um vulcão
 Um Vestívio de lavas crepitantes,
 em plena erupção!
 Coração Pára-beijos; coração Pára-raios;
 Antena — muita vez para meros ensaios..."

Relicário de tantas ilusões!

Ninho de Fantasias,
 Escrínio de Alegria
 — Cofre de Emoções!

É o Solar da Descrença e o Castelo da Fé.
 Câmara Mortuária e Sala de Cabaré.
 É um escravo d'alma, laço da matéria.
 Torre de altruismo e gruta da miséria.
 Esconde o crime, o vício, agasalha a virtude,
 tugúrio de gemidos, soluções e inquietude,
 — coração pára-raios! O coração antena!
 Favo de mel às vezes e muita vez gangrena!
 Coração, Treva e Luz,
 Glória e Horror!
 É um posto para a Cruz;
 — Um vaso para Flor!
 Canteiro, vivem nele a flor do bem, do mal...
 Antro, Caverna, Alcouce, — Catedral!"

Ele foi um esbanjador de talento. Gozava de grande estima e popularidade em sua terra natal. Sem nunca levar a sério a política, ele fazia comícios contra a carestia da vida e outras reivindicações populares.

Era boêmio como Emilio de Menezes. Seus versos eram espontâneos. Eu o conheci pessoalmente. Pedro Medeiros era toda a simpática cidade de Corumbá.

Alcestre de Castro, notável escritor corumbaense e amigo de Pedro Medeiros, assim traçou o seu perfil: "Estrovertido, Pedro necessitava de público, de palco, de agitação para viver. E o Mundo, para ele, não passou de uma grande fantasia que ele glosava com seu talento e sempre procurando enredos onde aparecia como artista máximo, desempenhando, maravilhosamente, o papel de Tenório, Príncipe, Arlequim e Dom Quixoto. E foi um notável, um esplendoroso poeta!"

Eu considero, esta, uma das suas melhores poesias,

ROSA RUBRA:

Dª Margarida vive só
 E cultiva um jardim muito bonito.
 É pobre como Jé
 E devota do Senhor São Benedito...

Lá no jardim de D^a Margarida
Nasceu uma rosa, foi agora mesmo!
Uma grande rosa! Sangue e vida!
Que ficou a sorrir, — sorrindo a esmo...

— Tan-Tan-tan! É um garoto, O "Doce Quente",
Muito sujinho, da cabeça aos pés.

— Que deseja? E o menino tristemente:

— Si tem frô, me dá... Quero um mil réis.

E ao sair, numa voz muito sumida:

— Mamãezinha morreu! Não sei de quê...

.....
E a rosa rubra que nasceu pra vida,
Lá se foi no meio do "buquê" ...

No seu pessimismo, Schopenhauer disse: "O poeta é o homem universal. Tudo o que agita o coração do homem, tudo o que a natureza humana, sem suas várias circunstâncias, tem podido ensaiar e produzir, tudo o que habita o coração de um ser mortal, tem o seu domínio no seio do poeta, domínio que se estende a toda a Natureza".

E Pedro Medeiros foi um homem universal, porque ele era poeta.

Vandoni de Barros

Vandoni de Barros Carlos, apesar de haver nascido antes da primeira Guerra Mundial é um poeta modernista.

Para Aleceu Amoroso Lima, Tristão de Atalide o pré-modernista é o período cronologicamente entre 1900 a 1920. Dentro desse esquema vamos estudar a personalidade literária de Vandoni de Barros.

Engenheiro civil, profissão pouco poética, jornalista, Carlos Vandoni se dedicou à política. Foi deputado Federal. É bom Deputado. Conhecedor dos nossos problemas publicou um livro de grande valor "Paraná em defesa do Rio Esquecido", 1956.

O poeta é natural de Corumbá, onde nasceu em 1904.

Foi o primeiro poeta a escrever versos modernistas em Mato Grosso. Imagino o escândalo que produziu na época os versos de Vandoni de Barros. Quebrando o costume. Porque muitos dos nossos poetas rimavam vilancetes até o ano de 1932.

Lobivar Matos teve razão quando escreveu em 1937, no Anuário Brasileiro de Literatura: "Um poeta bororo que faz parte da nova geração, há pouco tempo me obrigou a observar um fenômeno literário de grande importância. O atraso dos acadêmicos é dos sapos da Academia Disse-me o poeta: "menino: parece mentira, mas não entraram ainda nem no romantismo. . ." De fato, a observação do poeta é exata. Não digo que ainda não chegaram no romantismo. Isso de chegar, já chegaram. Não conseguiram avançar mais. Nem um milímetro. Isso sim " E era verdade o que disse Lobivar.

Vandoni, quebrou a praxe. Seus versos tinham um novo sentido. "O Cururu" já era uma poesia diferente:

"Fervilha o cururu no rancho de acuri,
A luz de vela de garganta e de pavio,
Enquanto se desfaz em prantos por ali,
Viola de ximbuva e tripa de bugio.

E assim que o violeiro geme no
bordão,
Fazendo soluçar a música bre-
jeira
As morenas bonitas que dançar-
do então
Acompanham cantando o cântico
a noite inteira!

Maré encheu,
Maré vasou,
O cabelo da morena
Foi Batista que cortou.

Eu não tenho medo de onça,
Nem da pinta que ela tem;
Tenho medo da morena,
Quando chega a querer bem ...

E o cantador destemido,
Já meo aqui, meio ali,
Soltá o verso que é aplaudido
Sorrindo cheio de si:

"Lá na mata do Fuzi,
João Caetano me falou,
Que as mulé do Taquari,
Co a vida dele acabô".

E na manhã seguinte quando o
galo canta,
E a madrugada, pouco a pouco,
já se vê,
A voz da morenada alegre se le-
vanta,

Tristonha a soluçar: " não deixa
amanhecer".

Essa poesia de Vandoni de Bar-
ros deveria ter causado escândalo
no tempo em que foi publicada.
Era a quebra da rotina. Toda gen-
te literata somente escrevia poesia
em estilo usual. Vandoni quebrou
a rotina. Além de escrever moder-
nos ainda aproveitou um assun-
to folclórico. Era a influência da
"SEMANA DA ARTE MODERNA"
de São Paulo. Era a interpretação
do pensamento do Graça Aranha:
"cada homem é um pensamento in-
dependente, cada artista, exprimi-
rá livremente, sem compromissos,
a sua interpretação da vida, a e-
moção estética que lhe vem dos
contatos com a natureza. E toda
a magia interior do espírito que
traduz na poesia, na música e nas
artes plásticas. Cada um se julga
livre de revelar a natureza segun-
do o próprio sentimento libertado".

Vandoni de Barros escreveu versos diferentes. Era a reação contra o plágio dos românticos e o formalismo dos parnasianos", escreveu Geir Campos. Os nossos poetas escreviam poesias e baladas ainda ao sabor do "nolvido do Sepulcro", de Soares de Passos.

Vandoni foi o primeiro poeta matogrossense que escreveu versos modernistas:

AGUAÇU

"Campanhas infindáveis verdes,
despladas,
Tapetes de valor jogados por ali,
Sempre novos, depois das anuais
queimadas,
Quando a gramínea mostra
mais poder em si.

Todo dia cantando em lindas
revoadas,
O João Pinto, o Canário, o Tor-
do e o Bem-te-vi,
Fazem assim o coro em notas
compassadas,
Ao murmúrio das águas do Ca-
pivarí ! ! !

E no meio do campo um aguaçu
conquista
A imensa região de se perder de
vista,
Com seu porte fidalgo, altivo e
sobranceiro ! !

E a gente muito humilde e boa
do sertão
Achou-o tão tristonho em sua
solidão
Que acostumou chamá-lo de
"Aguacu solteiro" !
Vandoni de Barros deu um novo
característico à poética mato-
togrossense."